

ALFARRÁBIOS

2016 © ssquerdosautorais

Fanzine

Vol. II

foi impresso por Armazém de Quinquilharias e Utopias
responsável: Paulo de Carvalho

Contato

55 21 99556-1007

armazemdequinilhariaseutopia@gmail.com

Utopia

Brasil

Ana Machado



Coordenadora dos Saraus temáticos da Biblioteca Parque de Niterói (SMC/FAN), também idealizadora do Sarau Poesia de Asas Abertas nas Escola de Samba Portela. Executa mesas e iniciativas em diferentes coordenações e projetos nos debates que envolvem cultura, sociedade e educação, está a frente na instituição nas pautas que envolvem valorização e ocupação do movimento negro, igualdade racial, causas lgbtis, cidade e formação de movimentos de identidade, também produtora e articuladora cultural, auxiliar de acervo, assistente de pesquisa e estudante de história.



I. Vagabunda

Amo cada parte do meu corpo,
em carinho maior as que ressaltam

Mulher

Com respeito maior às marcas que dizem

Mãe

Nestes mapas criados pelo tempo

Meu Corpo

Há quem ache a pele

Os seios

O quadril

Mas corpo também é sorriso

É choro

É a unha

Polegar

Joelho

Ombro

Cabelo

Orelha

É tudo além, que cria

O que segura a dor

O medo

A valentia

Jamais o que teu olhar pode submeter

Se vagabunda contextualiza a liberdade no discurso de alguns...

Me apresente a eles como, a própria!

II. Por horas em universo algum.

O céu tomou a forma de teus olhos, esfarelou um julgamento sem preciso sequer suspirar, uma entonação do que seria... Baixou as roupas e brincou aos ponteiros do relógio.

Por horas lá sentada no girar lento e fundo branco, o tempo, se esvai e ela em números decidia as horas, os minutos, segundos, o suficiente para a demora.

E quando tudo acaba;

Sua respiração ainda ofegante diz o que sentia, seus olhos inertes ao teto, fixos. Vontade tinha de levantar nua, mas o que seria do mundo tão pequeno compreendê-la sem proteção alguma e, mesmo assim: maior.

Nós somos pequenos universos lotados de explosões coloridas, feito aquelas pedras flutuantes em rasantes perdidos num espaço

invisível; Sem ao menos tamanho, som... \Por isto é tão bonito ecoar ao se chocar, barulho, luz e novos outros a partir de nós.

III. Meus amantes

Meus amantes são invisíveis, dançam entre os rasgos prateados de toda noite visitante em minha janela, são fadas e almas fugitivas.

Se faço, tome as rédeas de minha mente, onde toda bonança é tragédia e todos os vilões me fazem anfitrião dos sonhos que roubam cordiais.

São meus, teus, todos escravos de suas paixões, perdurando versos antigos sem imaginar que estes existiram...

Tem minhas mãos enroscadas a garganta. Não cega entrega novos olhos, como uma assinatura que se ajeita por várias vezes e nunca encontra um traço final.

Quem nos torna indecifráveis por obra, senão tu amor?

Sentir a incerteza lhe angustiar o peito, resfriando suspiros de um espírito dolorido e por fim notar a timidez acalentando crueldade, dispersando a razão, onde a sensação de medo só atinge o vulgo de solidão.

Teimo, não sei no que acreditar determina no existir, coexistir, em simples bambear só para não tornar minhas palavras a de um apaixonado.

Funcionária pública, escritora. Teve um conto selecionado para a Antologia Novas Contistas da Literatura Brasileira, da Editora Zouk em parceria com a Casa da Mãe Joana.

É autora do blog cultural: www.mardevariedade.com



Vivendo em grupo

O Filme Birdbox (Caixa de Pássaros) é daqueles filmes que ou você ama ou você odeia.

Eu sou do time de pessoas que amaram, mesmo tendo alguns “fios soltos” na história.

Acho que cada um pode dar a sua interpretação para o filme. Para mim, é uma obra que fala das relações humanas.

Aprendemos a viver em grupo desde muito cedo. Em família, com os colegas do bairro, com o grupo da escola, depois, com os colegas de trabalho.

Nem todo mundo tem facilidade para se relacionar em grupo. No filme, a protagonista tinha dificuldade de relacionamento, mas teve que aprender a viver com pessoas estranhas para sobreviver.

Na escola, muitas vezes, escondemos algumas características de nossa personalidade ou exageramos ao mostrar algumas qualidades para sermos aceitos em alguns grupos, o que também pode acontecer no trabalho ou em outro ambiente qualquer.

Com a maturidade, ficamos mais seguros e

ALFARRÁBIOS XII

aprendemos que podemos e até devemos ser nós mesmos, pois não temos mais a necessidade de sermos aceitos por A ou B.

Claro que, ao longo da vida, tentamos aprimorar nossas qualidades e dominar nossos pontos fracos.

Preferimos estar inseridos naqueles grupos com os quais temos mais afinidades e, para isso, temos que ser autênticos, transparentes, sinceros.

Sabemos que nunca iremos agradar a todos. Nesses grupos, com os quais temos afinidades, teremos nossos pequenos defeitos aceitos e também aprendemos a aceitar e conviver com as diferenças.

Quantas situações nos lembramos em que as pessoas mais próximas expõem alguns defeitos e mesmo assim continuamos amigas dessas pessoas? Até porque podemos não ter esses defeitos, mas possuímos outros, que nossos amigos também aceitam.

No filme, o que me chamou atenção foi ter mostrado o quanto é importante termos empatia pelo outro, assim, os problemas ficam um pouco mais leves. Não precisamos ter uma amizade profunda para sermos solidários e empáticos.

Viver em grupo nos traz muitos aprendizados.



Andreia Maraglia

Psicóloga, especialista em psicologia clínica, amante da vida.



O tempo das colheitas

Já tive uma horta. Em meu sítio no alto da serra havia um espaço onde começamos a cultivar hortaliças, legumes e verduras. Quando comecei a tarefa de plantar as mudas e sementes, não acreditava muito no resultado. Apenas me apoiei na frase: “Em se plantando tudo dá.” Expressão usada por Pero Vaz de Caminha, em sua carta escrita ao rei Dom Manuel, para descrever as terras brasileiras. Pois bem, depois de alguns meses lá estavam os lindos alimentos que cultivamos sem muita esperança de colheita.

Aprendi alguma coisa com a horta. Plantei as sementes e, dia após dia, olhava o desenrolar dos acontecimentos. Algumas vezes não conseguia ver resultados, nada crescia de forma rápida, a natureza tinha seu modo de ser. Todos os dias, às vezes ansiosamente, remexia, olhava a terra, investigava pragas, adicionava adubo e muitas outras coisas. A natureza, ainda assim, continuava no seu ritmo próprio fora de meu ilusório controle. Claro que todos estes cuidados ajudavam a tarefa do meio ambiente a fortalecer as plantas, mas não ditava as regras. Descobri que eu

não ditava as regras.

Numa ensolarada manhã acordei e fui direto aos canteiros. Extasiada observei que os primeiros caules e algumas folhas brotavam da terra. Pulei de alegria. Era como se tivesse acertado em cheio um bilhete de loteria. Era uma experiência nova. Cuidar de uma horta e plantar a própria comida é algo que todo humano deveria fazer pelo menos uma vez na existência. Senti como se fizesse parte do processo e muito próxima da simplicidade da vida.

O homem afastou-se de sua natureza mais própria. Tornou-se um ser desconexo das interações orgânicas do viver. Transformou o mundo a partir de desejos de poder e controle. Enlatou e plastificou tudo. Em tempos idos, dominar a natureza era sinal de inteligência e poder. Pois bem, não preciso enumerar aqui os estragos que fizemos no planeta e as consequências disso. Neste ensaio quero me deter em nosso desejo de controle. Foi isto que minha horta me ensinou.

Os humanos, na aventura da existência, são seres vulneráveis, transitórios, mortais e angustiados. A cronologia, estudo do tempo, tem por objetivo datar acontecimentos, agrupando-os de maneira lógica e sequencial. Antigamente, os calendários das sociedades e civilizações eram baseados no ritmo das atividades agrícolas. Curioso observar que o calendário, criado pelo homem, se baseava originalmente no ritmo da agricultura. A natureza, junto à atividade do homem cadenciavam o tempo.

O ritmo da horta me ensinou que a natureza tem uma dança muito particular e muito mais holística que o calendário humano. Este ritmo é global e vai além de nossa capacidade de mensuração e controle. A vida é assim, impossível de ser controlada em sua totalidade. O homem pode ajudar a si mesmo e contribuir para um melhor resultado de sua colheita refletindo e escolhendo melhor, mas jamais pode prever um resultado exato.

Durante os dias de espera do crescimento das verduras e legumes aprendi que minha tarefa era, para além de contribuir com o tempo da natureza, aceitar seu ritmo e as inconstâncias do ambiente. Estava eu diante de alguma coisa que não podia controlar, só podia cuidar. Isto vale para a horta e para a vida humana como um todo. Há sempre algo que não podemos controlar. A tentativa de controle pleno é uma ilusão.

Alguma coisa sempre nos escapa ou cresce para além de nossas expectativas. A vida sempre nos diz algo. Para que possamos observar a comunicação da vida é preciso abandonar a vigilância excessiva. Claro que somos, a todo instante, convocados a fazer escolhas, mas isso é diferente de controlar. As escolhas humanas não estão separadas do ambiente, a natureza da vida nos contextualiza sempre. O mundo se comunica conosco, nós somos o mundo e ele é maior do que nós. Para compreendê-lo e aceitar seu ritmo é preciso abrir mão da necessidade de controle.

A autonomia de meus canteiros de hortaliças também me ensinou que é preciso rever nosso papel nas diferentes nuances de nossa própria existência. Cada momento presente tem características próprias. O presente nos exige escolhas refletidas e claras sobre a natureza das coisas de forma constante. Quando nos preocupamos excessivamente com os resultados futuros, nos distanciamos do clamor da circunstância presente. Nos distanciamos de nós mesmos e da possibilidade de escolha mais plena. Nos perdemos no tempo.

Da mesma forma, quando nos aprisionamos às lembranças dolorosas do passado, saímos da cena atual para nos estagnarmos na dor de outrora. A dor revivida constantemente pode distorcer a realidade. É preciso emprestar palavras à dor para parar de sofrer. Porém, ao nos depararmos com a dor do passado, faz-se necessária uma apropriação das experiências que nos oferecem aprendizado. É importante lembrar sem incorporar a dor e refletir sobre a experiência como ferramenta para a vida, não deixar a dor do

passado corroer novamente no presente. Vitimizar-se jamais.

Agora estou rindo por aqui ao saber a confusão que nós humanos fazemos ao lidar com o tempo. Esperamos ansiosamente pelo futuro, tentando controlar as circunstâncias para obtermos um resultado de acordo com nossas expectativas. Sofremos em nosso encontro com as intercorrências da vida e com nossa impotência diante de facticidades diversas. Lamentamos os erros do passado, choramos uma lágrima que não mais existe. Nos culpamos. Desta forma, deixamos de viver o único instante real: o presente.

A horta verdinha acabou em poucas semanas. Foi delicioso saborear alfaces, tomates, manjeriço, salsa, cebolinha, beterrabas, jilós e muitos outros vegetais frescos e sem aditivos químicos. Bons para a saúde do presente e do futuro. Esta primeira horta foi um presente que passou. Comecei a cultivar uma segunda horta que será, certamente, um outro presente que virá.

Bibliografia disponível em:

<https://pt.m.wikipedia.org/wiki/cronologia/> Acesso em 11 de março de 2019

<http://historiasdagentebasileira.com.br/site/em-se-plantando-tudo-da/> Acesso em 11 de março de 2019



Angela Maria Puppim

é mãe de três filhos, foi economista e, agora reinventada, é Contadora de Causos e Histórias. Também conhecida como “A Palhaça Pum Pim”, é entardecidamente, escrevinhadora. Seu primeiro livro “Escritas libertárias” foi publicado em 2017 pela Editora Cândido.



Nuvens

Nuvens encobrem o céu

Uma garoa escorre do céu e turva o dia

Chove

Chuva fina e doce que lava a alma

Frescor, frenesi suave, cheiro de terra molhada que penetrante aguça os sentidos

Gosto de beijo molhado, de lânguidos lábios a percorrer o corpo inteiro

Arrepio que arrebatava o corpo, envolto em manto de nuvens a rabiscar o infinito

Dançam as nuvens e com seus gigantescos e leves corpos desenham os céus com tons indecifráveis, etéreos e esvoaçantes

Bailam e brilham gotas de puro amor

Amor em brisa, que acaricia, lambe, beija, molha e excita
Em lânguido suspiro flui o corpo molhado até evaporá-lo e
condensá-lo em nuvens



Olhar estrangeiro

Entre o seu olhar e o meu

Os óculos parisienses

Os estrangeiros óculos

Despido deles

Revela pequenos piscares

Olhar furtivo

Fugitivo

Só olha o dentro

Só brilha o estrangeiro

O desconhecido

O não dito

O reflexo imperfeito

De meu olhar que

Teima em espelhar-se

No seu



Retrovisor

Olhar em retrovisor

Imagem esquelética

Efêmera ilusão

Delírio febril

Abandono latejante

Oco

Amnésia do sentir

Último olhar

Dar partida

Arrancar

Virar a curva

Horizonte

Céu tocando a terra

Ninguém solta a mão de ninguém

Quem És?

Uma mulher, um homem, lésbica, transgênero?

O que se passa no seu corpo fala do seu Eu

É memória, são marcas gravadas nele

Ecos do tempo

Expressões silenciosas

O agora nos faz encontrar ecos soterrados

Tudo converge em ti, no aqui e no agora

Sementes modificadas pelo agora e que será futuro

É preciso revelar seu corpo frágil, afetado, não fraco

Ter memória, visão de futuro perdendo certezas

Demolir estereótipos de nossos corpos

Memorar outras construções

Ser afetado e receptivo à diversidade

O Por vir?

É preciso o gesto, a micropolítica, a resistência

O vira a ser, para além dos possíveis

O corpo a corpo, os afetos, o gesto da arte, da poesia

Ninguém sabe de um corpo quando se desobriga da disciplina do

homem

A vida não se assujeita

Viver é a única esperança

De mãos dadas

Ninguém larga as mãos de ninguém

Corpos tornam-se trânsito de afetos

Não és semelhante

És diversa

És comum



Carlos Orfeu

nasceu em Queimados. É devoto das artes, sobretudo, da literatura e poesia. Publica em blogs pessoais, revistas e blogs literários. O poeta em 2017 lançou o livro invisíveis cotidianos pela editora Literacidade.



O rosto é uma casa que desaba na paisagem

I

o rosto que tu abristes
só para ver o avesso

é uma casa que desaba
na paisagem

é um desequilíbrio
na torsão da dúvida

II

o rosto pode ser cela
no teu olho

ou quintal
onde teus cílios

passeiam como folhas
fossilizadas

III

acena para os olhos
exortados do rosto

desliza os dedos
no duplo buraco

áspero e vazio
como uma casa cega

IV

o rosto busca
a incognoscível

abertura

entre o possível
infinito

ALFARRÁBIOS XII

e a alteridade que nos
atravessa

e transcende



Fernanda Macieira Bortone

Das taras,
 Das manhãs mais caras,
 Das forças mais raras,
 Dos fluidos mais doces,
 Da fricção.
 Do visgo.
 Das ardências sem dor,
 Das imprudências do amor,
 Do tesão.
 Da falta de juízo,
 Dos gemidos mais primitivos,
 Do fogo nos seus olhos,
 Dos dedos curiosos,
 Dos mistérios desse instante,
 Que redimem nossas faltas,
 Nosso dia amante.
 Das alegrias sem métrica,
 Dos afetos sem destino.
 Da língua e suas danças,
 Da tola esperança,
 Da nudez sob sombras,
 Da luz entre as persianas.
 Da zona de erógena distração.
 Da fotografia que não acontece. Mas existe.
 Do poema que fecunda, enquanto você avança sobre o
 que te aguarda.
 De acordar e ver você,
 De alma nua sobre minha cama.

ALFARRÁBIOS XII

Da respiração ofegante,
Das pernas e nós,
Das nossas tranças.
Das costas à vista,
Dos vales que você despudorado visita,
De virar bicho, da lascívia.
Dos apertos permitidos,
Das ousadias sem medo,
Dos nossos segredos,
Daquilo que só a gente pode saber,
Dos nossos sorrisos tão genuínos,
Das nossas gargalhadas provocadas por desastradas apostas,
Somos palhaços a troçar de nossos dramas.
Bonito, porque ousamos ser crianças.
Do incenso barato,
Da vela a aquecer a imaginação,
Da música que escolho e digo que rima com a gente por coincidência,
Das doces mentiras,
Da nossa indecência.
Dos beijos sem comportamento,
Dos eriçados apelos,
Dos olhos fechados pra te perceber,
Da boca embrasada pra te acolher,
Do que ainda for virgem pra acontecer,
Do rosto no momento do gozo,
Do tremor,
Da vertigem,
Do quase morrer,

ALFARRÁBIOS XII

Do descanso a dois,
De tentar dormir ao seu lado,
E não conseguir.
De tudo isso sob o cobertor da ilusão,
Das maiores delícias,
Dessa sagrada oração,
É disso tudo que precisa e espera
o meu cansado coração.

Fernanda Bortone



Hilário Francisconi

Natural da capital do Estado de São Paulo e radicado em Niterói/RJ desde os 10 anos de idade. Membro titular da Academia Niteroiense de Letras, licenciado em Língua Portuguesa/Literatura Brasileira e jornalista com registro 36682/RJ, sempre trabalhou em áreas administrativas do serviço público, até aposentar-se, em 2009, pelo Tribunal de Justiça/RJ, onde exerceu o cargo de Analista Judiciário.

Possui os cursos de Letras, Formação em Psicanálise Clínica (IBPC), criação literária, dramaturgia com ênfase em roteiros (Curso José Louzeiro de Dramaturgia), Formatação de Roteiros - Master Scenes – curso ministrado pelo roteirista inglês Hugo Moss, e sua obra compreende crônicas, contos, novela, poemas, peças para teatro, ensaios, humor, Haicais, literatura infantil, argumentos com roteiros para curtas- metragens e assina a coluna “A Psicanálise no Divã” no Jornal Santa Rosa, Niterói/RJ.



SÉRIE “CRÔNICAS HUMORÍSTICAS”

1. do casamento

Há uma razão, embora não comprovada, segundo a qual jamais descobramos a origem do casamento, mas penso que sua origem esteja mesmo no altar e diante do padre. Porém, sua validade social somente estará consumada após todos os registros em Cartório Civil, sem os quais há que se perguntar: “Onde já civil?” Até mesmo os casamentos feitos às pressas terão de sujeitar-se aos

“papéis corridos”.

Dentre os tipos de casamentos, destaca-se o “morganático”, ou “casamento de mão esquerda”, que ocorre entre uma pessoa nobre e outra plebeia, embora muitos acreditem tratar-se de matrimônio realizado em países com trânsito de mão inglesa. Já o “casamento aberto”, que permite o relacionamento do casal com outros parceiros, fechar-se-ia somente com o divórcio. Entre outros, ainda são conhecidos o “casamento branco” - vínculo sem relações sexuais, mas aqui eu preferiria que as noivas casassem de preto -; o “casamento de arranjo”, ou “arrumado” - o preferido pelos padres, quando a igreja é ornamentada com arranjos de flores -; o “casamento de inclinação” - típico entre noivos bêbados -, o “casamento misto” - realizado entre sócios de lanchonete - e o “casamento por interesse” - aquele que só interessa mesmo aos ourives.

Sabemos que a constituição de famílias e a monogamia não são exclusividades do homem. No século XVIII, o cientista Crespigny testemunhou um “ninho” de orangotangos (os que comem morango dançando tango) na copa de uma árvore onde a fêmea e seus filhotes eram observados, com muita atenção, pelo macho estrategicamente recolhido em uma árvore vizinha. Mas eu me pergunto o que ele fazia na casa da vizinha? Hoje, a designação seria bastante pejorativa, mas, na época, Crespigny foi um renomado “fiscal da natureza”.

Na história do casamento, a evolução do enlace está diretamente relacionada aos valores econômicos. Na pré-história - o “avant-première” do Drama Mundial - o nômade escolhia sua noiva com o tacape em riste (nos dois sentidos) e capturava-a sem defesas; mais adiante, com o fim das batalhas tribais e com a moral estabelecida, os pretendentes já levariam alguns presentinhos ao pai da noiva. Hoje, a instituição é um misto de sequestro e contrato de compra e venda. Mas não somente a este exercício entregou-

-se o casamento. Dos aprendizados na convivência a dois, o mais didático é o da “experiência e erro”. Muitos cônjuges, depois da experiência do matrimônio, juraram jamais incorrerem no mesmo erro. Em minha época, ainda alcancei um ato jurídico de nome “desquite”, que era uma forma de o casal dizer: “Agora estamos quites”.

Nos Fóruns, encontramos as Varas de Família, que são ramos do tronco de uma Justiça que segue aos troncos e barrancos. Nessas Varas há uma audiência específica na tentativa de conciliação, mas, em geral, o casal não costuma dar ouvidos à audiência; a especificidade... Espere um pouco, especificidade é uma cidade específica e não é disso que estou falando. Vamos mudar para... especial. Pronto. Nas Varas há uma audiência especial que busca a conciliação. Em geral, o casal não costuma dar ouvidos à audiência; a especialidade da ocasião não se coaduna com o casal especial e a conciliação encarna o espírito inexorável do litígio. O Processo termina na mesa do Juiz que decreta o divórcio e eu não estou aqui para apelar dessa sentença nem por Decreto-Lei!



João Ayres



poeta, contista, romancista, compositor e cantor de samba de raiz, jazz e blues. Assina parcerias de Blues e Jazz com Paulo Ferro, Renato Zanata, Léo Fernandes, Thiago-Ajary. Assina parcerias de sambas de raiz com Delcio Carvalho, João de Abreu Borges, Léo Fernandes, Vitor Juliani, Helena Bruzzani e Maestro Mazzoni.

Foi membro do Gamboa Samba e Poesia como vocalista e compositor, com shows no Morro da Conceição, na Lapa, Teresópolis, na região oceânica em niterói e na Casa da América Latina nas Laranjeiras. É responsável pela biografia de Delcio Carvalho.

Está no cd profissão compositor juntamente com Mário Lago Filho, Sérgio Fonseca, Zé Ketí, Luisão Maia e outros. Publicou POEMAS DO RASGO DA HORA, POEMAS EM RISTE, POEMAS EM CORTE PROFUNDOS, POEMAS MALDITOS e recentemente POEMAS ESCUROS pela editora Armazém de Quinquilharias.

É também líder de sua banda de jazz e blues (JOHNNY B AND) e de seu grupo de samba (João Ayres Samba de Raiz);

Em breve lançará pela Armazém de Quinquilharias seu romance

Gramática do Crucial do Desespero e o livro de contos Histórias para nenhum boi dormir.

90

Um mais um)

Eu disse que não poderias)

Falar a quem quer que seja em segunda pessoa)

Vestida de preto num baile de gala.

Sugiro que beba e que passe da conta)

E que role no tal tapete de cabeça sem para baixo)

E xingue como uma alma ensandecida)

Todos os convivas com gosto de sangue pisado.

1238

Rimas Apodrecidas e Circenses

Curra, urra,

Burra, surra,

Eu vejo um percevejo)

Bem no meio do rio Tejo)

O som, o dom)

Gosto de jambo em ditirambo)

O mambo que danço e assim me canso)

Na hora torta)

Na mosca morta pisada por mim)

Enfim

Ou assim

Neste porto

No horto
Vejo talvez sem vez
Demais)
Nos animais)
Através dos princípios)
Sem maiores suplícios)
Eram eles a razão de ser)
Neste verso, do universo)
Me diga, na liga)
Que surge
Urge que façamos no verbo fazer
Algo como a passividade deste verbo morrer
Ora em muito embora
Chegou a hora da transição final
Em todo mal que não dorme na rede
E que sobe as paredes com calma
Entranhando na alma
Deste mero mortal.

102-3

Eu falava de um tempo no qual)
de um tempo qualquer eu falava).
de uma ou de duas)
ou de nenhuma.

Eu falava e eu era o pronome eu-----
o eu que fugia deste mim que não se sabia tal.
eu era o exprimível em carne cortada por.
eu era o exprimível neste cortar infinitivo a tal palavra carne.

ALFARRÁBIOS XII

Eu era o substantivo carne em estado de bancada da pia)
eu em estado de pia imunda no tal domingo qualificável em pa-
chorrento.

Eu era o momento incerto no qual o ponto não é cabível na sen-
tença,
o momento no qual.

2

Tenho na palavra mente)
cem mil rostos feitos de nada)
lavados sem banho e sem maria)
nos calabouços do além.

Este indescritível universo)
aprecia o desvanecer de tudo que parece ser o que é)
aos olhos dos proscritos)
As mortes sempre foram o que são.

1267-98=

Dobrei a palavra palavra ao meio)
Dobrei e depois reparti o verbo repartir em quem.
Pontuei inexistências voltando o olhar para o caos.
Reparem estes seres ônticos: eu nada vi.

Comprei um pedaço de morte e dois quilos de alma tostada.
Um dia ainda volto a cambalear à beira do substantivo vulcão.

ALFARRÁBIOS XII

Mais do um qualquer que expele lavas, eu preciso.

Destes sem coisas para respirar o que não mais resta em mim.

3456

Duas mãos que me levam para o longe)

Como se em nove-noves-fora-nada no pronome eu divisível em sílabas)

E-u é este sem rosto que devassa o além de muros intransponíveis)

Eu reencontro inverdades assolado pelo pulsar deste caos flamejante.

Duas mãos que me levam para o longe)

No inimaginável de alguém que abraça o frio da hora)

Já estive nenhum em pronome indefinido nas masmorras do acaso)

Comprimido como um átomo no substantivo acidente.

IN POEMAS DO PÉ SEM PÉ – JOÃO AYRES - A SER PUBLICADO PELO
ARMAZÉM DE QUINQUILHARIAS E UTOPIAS, EDITORA DE PAULO DE
CARVALHO.



José Antonio C e Silva

José Antonio de Carvalho e Silva
Químico Industrial
Engenheiro Industrial – M. Sc.
Psicólogo Clínico
Escritor
Conferencista



Alguém quer viver até os 140 anos de idade?

Ao adentrar o ônibus, lotado, passei pela roleta, usando o meu cartão de idoso (cartão de velhinho, como eu jocosamente o chamo), e postei-me de pé, para o que seria uma curta viagem. Para minha surpresa, uma jovem, que se sentava em um dos bancos traseiros, acenou para mim e ofereceu-me seu lugar. Fiz um aceno de agradecimento, como quem dispensava a gentileza, mas ela insistiu. Atravessei então o corredor do ônibus e sentei-me no lugar que me era oferecido e novamente expressei o meu agradecimento. De uns anos para cá essa cena tem se repetido, especialmente no metrô, onde os assentos destinados aos “velhinhos” estão bem demarcados. Claro que não são todos os que cedem seu lugar, há aqueles que não descolam os olhos de seus celulares, de um cada vez mais raro livro impresso, os simplesmente distraídos, os que fingem dormir. De minha parte, eu também cedo o lugar para alguém claramente mais necessitado do que eu. Afinal, estou perfeitamente bem.

O que caracteriza um idoso, um velho? Depende da época. Quando eu era criança, idoso era para os homens o atingimento do a quarenta anos de idade, o famoso Quarentão. Para as mulheres, pior ainda, aos trinta já se poderia considerá-la velha. Aí está o famoso livro de Balzac, “A mulher de trinta”. Lembro-me do meu avô. Faleceu aos sessenta e poucos anos de idade. Olhos azuis, era um homem sisudo, de poucas palavras, embora não destituído de um sutil senso de humor. Eu o via como muito velho e, de fato, falecer sessentão não era nada incomum naqueles tempos. Com o passar do tempo, a expectativa de vida foi aumentando. De minha parte, lembro-me perfeitamente do dia em que completei 60 anos, era um sessentão, e estava muito feliz me sentia maravilhosamente bem.

Diversos fatores são creditados ao aumento da expectativa de vida - melhoria no saneamento básico, nos hábitos alimentares, a prática regular de exercícios físicos e, principalmente, ao mais viável dele: o avanço da medicina, na prevenção e cura das doenças. E este é um ponto sobre o qual quero tecer alguns comentários. No dia 30/11/2018 assisti a um ciclo de palestras dentro do primeiro dia do evento denominado Wired Festival, na Casa França-Brasil, no Rio de Janeiro. Diversos palestrantes abordaram o tema da genética e da inteligência artificial como fatores alterando radicalmente a abordagem da saúde. Debateu-se o uso de algoritmos (1) para prever a mortalidade e o mapeamento dos genomas (2) na prevenção de doenças como o câncer, e oferecendo a possibilidade de tratamentos individualizados. Seguem-se alguns extratos da fala de alguns palestrantes.

Fábio Coelho, presidente da Google Brasil, em sua apresentação, fez a seguinte colocação, reproduzida no jornal O Globo, edição de 01/12/2018 “Hoje se estuda uma maneira de não precisarmos de medicamentos. Você engole uma pílula que, durante 30 dias, registra todos os seus sinais vitais e os transmite para o

celular. À mediada que você vê os sinais se alterando, o nível de açúcar ou de colesterol no sangue, por exemplo, consegue agir, mudar para corrigir.”

João Bosco, médico fundador da Genomika Diagnósticos, discorreu sobre a técnica de sequenciamento de genomas que, segundo ele, pode ser usada, por exemplo, na oncologia, mesmo antes do aparecimento do câncer. Uma pessoa, ao saber que tem um risco maior do que outras de desenvolver uma doença – câncer, cardiopatias, por exemplo – pode recorrer a tratamentos específicos antes do aparecimento da doença. Bosco prevê que no futuro já ao nascer terão o seu genoma sequenciado para a previsão imediata de possíveis doenças. Mas alerta para o dilema ético de como proteger essa informação. Os planos de saúde poderiam cobrar mais por clientes de alto risco e potenciais empregadores poderiam descartar a contratação de pessoas cujo horizonte de vida tenha sido mapeado.

Alexandre Chiavegatto Filho, diretor do Laboratório de Big Data e Análise Preditiva em Saúde, da USP, afirma de forma categórica que a inteligência artificial “não é um hype (uma ficção) ciado pela mídia”, mas que através de algoritmos capazes de aprender sozinhos e dispondo de muita informação sobre as pessoas analisadas será possível a fazer a previsão de quem vai morrer, em que período de tempo e de qual doença.

São três depoimentos fascinantes e, ao mesmo tempo, perturbadores. Imagine-se, como foi aventado, que alguém, que se considere em boa saúde à luz dos resultados dos exames atualmente disponíveis, vier, quando submetido às novas técnicas, a ter o seu tempo de vida determinado com boa precisão, digamos, num prazo de cinco anos? Quais serão as consequências psicológicas para tal pessoa? Um contraponto à essa visão determinista veio de uma outra palestrante, a endocrinologista Vania Assaly, especialista na área de medicina do estilo de vida e diretora da Latin

American Lifestyle Medicine Association. A médica pondera que, embora a genética possa ser uma aliada da saúde, ela não é um destino: “Se fizermos uma boa escolha em relação ao estilo de vida, boa parte das doenças crônicas são reduzidas.”

E, naturalmente, surgiram durante os debates diversas afirmações típicas da crença no inexorável avanço da ciência: “já está entre nós aquele que vai viver até os 140 anos de idade”; “No futuro será possível alcançarmos a imortalidade.” Curiosamente ao perguntar-se à audiência quem gostaria de viver até os 140 anos, numa rápida olhada só vi uma pessoa manifestar esse desejo. Pode ser uma possibilidade, sim, para um conjunto de pessoas, mas certamente não será para uma percentagem significativa da humanidade, haja vista que os parâmetros de longevidade variam extraordinariamente através das diversas regiões do planeta. E há de questionar-se com que qualidade de vida se chegaria aos 140 anos de vida. O prolongamento da vida média tem sido acompanhado de doenças degenerativas que normalmente acometem os mais idosos, como o Mal de Alzheimer, a doença senil, o Mal de Parkinson e tantas outras diretamente associadas ao enfraquecimento da estrutura óssea e muscular. E quanto à imortalidade, (e aí vai implícito uma imortalidade em pleno gozo de boa saúde, caso contrário, qual a vantagem?) trata-se claramente de uma quimera. Ainda que, num esforço fundamentalista em acreditar-se na capacidade da ciência em erradicar as doenças, as doenças não são a única causa mortis da humanidade. Morre-se do desatino das guerras e da violência em geral, de acidentes, de subnutrição, de condições meteorológicas extremas, de desastres naturais, de acidentes e de uma infinidade de outras causas. Não, o ser humano não alcançará a imortalidade, nem individualmente e nem em sua coletividade. E, se por hipótese, a morte deixasse de exercer as suas funções, como o grande escritor português imagina em seu livro “As intermitências da morte” (do qual fiz uma resenha publi-

cada no FANZINE IX), as consequências seriam tão terríveis que logo os humanos clamariam pelo seu retorno.

Comecei este ensaio falando de um prosaico acontecimento envolvendo a minha pessoa a bordo de ônibus para evocar o que ouvira no evento Wired Festival, do qual eu participara dois dias antes daquele episódio. Definitivamente não gostaria de sobreviver ao término de uma razoável saúde física e mental. Sou velho? Idoso? Estou na Melhor Idade? Sei lá. Importante é ainda ser capaz de me emocionar com o carinho dos entes queridos, de manifestações artísticas e culturais, de viajar, de contemplar belas paisagens, de afagar animais, de acariciar o meu paladar com as minhas comidas e vinhos preferidos e outras coisas mais.

Dezembro/2018

(1) Algoritmo: conjunto de regras e procedimentos lógicos perfeitamente definidos que levam à solução de um problema em um número finito de etapas. Um algoritmo coleta informações de um usuário das redes, faz correlações e oferece alternativas. É por isso que quando, por exemplo, o usuário assiste a um vídeo no youtube, da próxima vez que ele acessar a rede lhe serão oferecidos vídeos semelhantes àquele visto primeiramente. O algoritmo é “inteligente”.

(2) Genoma: é um código genético, que possui toda a informação hereditária de um ser, e é codificada no DNA. É o conjunto de todos os diferentes genes que se encontram em cada núcleo de uma determinada espécie. Na dotação cromossômica haploide, um núcleo possui só um genoma.

O termo foi criado em 1920, por Hans Winkler, um professor da Universidade de Hamburgo. O genoma humano dispõe das informações básicas e necessárias para o desenvolvimento físico de um ser humano, e é formado pela sequência de 23 pares de cromossomos.

O genoma é a soma de genes que define como vai se desenvolver e funcionar um ser vivo. O genoma é transmitido de geração em geração e determina a espécie do ser vivo, no genoma encontram-se gravadas características hereditárias encarregadas de dirigir o desenvolvimento biológico de cada indivíduo. As doenças hereditárias também estão escritas no genoma. Todos os seres vivos, desde os maiores, como o elefante, até os minúsculos, como as bactérias, têm genoma. <https://www.significados.com.br/genoma/> Visita em 03/12/2018

José Glauco Ribeiro Tostes

Prof. Titular aposentado da UENF
(Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro), no interior
do Estado do Rio



HISTÓRIA OCIDENTAL CONTEMPORÂNEA (1914-2018): UMA SELEÇÃO DE CICLOS “LONGOS”. História da Modernidade Ocidental (Séc. XVI-Séc. XX): um pano de fundo esquemático

JOSÉ GLAUCO RIBEIRO TOSTES

Este é o título de um curso de extensão que estarei ministrando na UESC-BA dentro do projeto “Economia em Debate”, a partir do próximo dia 25/03, ao longo do restante semestre letivo, com carga horária total de 24 horas-aula e aulas semanais de 2h/aula. O núcleo do curso é a parte em maiúsculas do título acima, cobrindo 18h-aula. Temos assim três grupamentos sucessivos de diferentes extensões de carga horária:

*Primeira aula – INTRODUÇÃO. Civilização Ocidental: dois pilares históricos.

(1) O pilar grego do pensamento racional, que se desdobra em dois ramos ou eixos conflitantes: o eixo parmediano-aristotélico dos três princípios da lógica clássica (as bases [lógicas] para o estabelecimento de “**fronteiras nítidas**” entre coisas [ontologia] e entre conceitos [epistemologia]) e o eixo da dialética original de Heráclito (no sentido oposto ao primeiro eixo, o sentido do **der-**

retimento de todas aquelas “fronteiras”).

(2) E o pilar da ideologia cristã, “éter que banha a civilização ocidental” por 2000 anos e que através de uma notável “síntese paulina” no séc. I articula, de forma bastante inicial, os três particulares vértices-culturas de um triângulo chave da civilização ocidental, inclusive englobando o próprio pilar grego acima: o messianismo judaico, a filosofia grega e o direito/cidadania romanos. Em síntese:

(1) Há 2500 anos – os dois focos da razão ocidental.

(2) Últimos 2000 anos – cristianismo e civilização ocidental.

*Segunda e terceira aulas – PARTE I - HISTÓRIA DA MODERNIDADE OCIDENTAL: PANO DE FUNDO ESQUEMÁTICO (sécs. XVI-XX)

Aqui apresentamos uma seleção bastante esquemática do que julgamos ser algumas grandes inflexões, econômico-tecnológicas e político-ideológicas, nos últimos 600 anos na Europa e depois, adicionalmente, nos EUA, anos estes que fornecem, salvo engano, a história da “modernidade ocidental” e do séc. XIX em diante, cada vez mais a história do planeta. Destaques nestas inflexões: (i) para a grande mudança político-econômica europeia da Bacia do Mediterrâneo para a Bacia do Atlântico há cerca de 500 anos e (ii) para o patamar das Revoluções Industrial Inglesa e Política Francesa há pouco mais de 200 anos, partindo-se daí para a hegemonia político-econômico planetária do sistema-mundo capitalista e para os desafios que tal hegemonia veio enfrentando no séc. XX, com destaque (i) para algumas, sempre breves, revoluções socialistas/(proto)comunistas e respectivos regimes institucionalizados do “socialismo real” e (ii) para o enfrentamento da extrema direita nazifascista através de uma breve e surpreendente frente articulando os dois rivais, capitalismo e socialismo. Ao longo do

séc. XX houveram vários autores e escolas de pensamento, inclusive revolucionário, tentando apontar sintomas (e às vezes até uma síndrome final) de cansaço ou declínio na modernidade ocidental centrada na esfera capitalista euro-americana. Talvez o maior desses sintomas, ainda em curso, é uma segunda e grande mudança político-econômico, desta vez da Bacia do Atlântico para a bacia do Pacífico (China, Índia etc.). Particularmente, já nesta segunda década do séc. XXI ganha peso sérias conjecturas sobre possível declínio da democracia liberal no Ocidente. Haverá bastante material para esses “diagnósticos pessimistas” (e as respectivas críticas a eles), desde 1914, na PARTE II (o núcleo histórico-contemporâneo do curso) adiante. Nesta PARTE I abriremos espaço para apresentar o esboço de teoria da história universal denominada de Materialismo Histórico (MH), esboço este apresentado em 1859 pelo próprio Marx. Será essencialmente a teoria da história por nós empregada neste curso sobre ... história. Destacaremos o motivo da enorme “força” que tal teoria tem exibido no Ocidente e, em parte ao menos no Oriente (ou melhor, nos Orientes), seja para marxistas, antimarxistas (destaque: capitalismo) e para o grupo de não marxistas que se distinguem dos dois primeiros. De modo crítico, tentaremos destacar também a correspondente “fraqueza” da mesma teoria. Para essas incursões no MH, inclusive para perspectivas de seu “upgrading” em tempos de final de séc. XX, início de séc. XXI, vamos precisar, de modo bem sucinto, do assim chamado “Materialismo Dialético” (MD) do colega de Marx, F. Engels (vide seu texto “Anti-Duhring”, 1878). Ressaltamos ainda uma vez que o “método dialético científico” de Engels está dentro do que chamamos acima de eixo heracliano do pensamento grego, “ressuscitado” por Hegel, em sua filosofia idealista dialética, no início do séc. XX. Estaremos também recorrendo ao MD em certos pontos de nossas análises adiante. Para um primeiro entendimento – crítico – da teoria da história (MH) de Marx, aconselhamos o leitor a consultar o n^o IX – novembro de 2018 – da ALFARRÁ-

BIOS, p. 44-55: “Séc. XIX: força e fraqueza do materialismo histórico de Marx”, de nossa autoria.

*Da quarta até à décima-segunda aula – PARTE II – HISTÓRIA OCIDENTAL CONTEMPORÂNEA (1914-2018): UMA SELEÇÃO DE CICLOS “LONGOS” (“longos” em relação ao período selecionado de 105 anos nesta Parte II: 1914-2018).

(1) análise preliminar apenas do primeiro dos sete ciclos “longos” estudados no curso. Apresentamos aqui apenas os enunciados dos outros seis ciclos. Fecharemos então a Parte II com uma:

(2) análise bem sucinta da CONJUNTURA INTERNACIONAL ATUAL com destaque para análise do “pulso político-econômico” do capitalismo global. A análise histórica (1) do passado, mencionada logo acima, é um meio ou uma pré-condição necessária para alimentar a análise conjuntural (2) do presente. Mas além de ser meio para tal fim (2), a análise (1) é também o outro fim central do curso que aqui estamos descrevendo.

CICLO 1 – OS DOIS CICLOS DE CRISES ECONÔMICAS DA DIREITA CAPITALISTA-LIBERAL, ANTICOMUNISTA

Utilizando-nos da teoria da história **MH** (novamente: vide ALFARRÁBIOS, nº IX, p. 44-55), trata-se de dois ciclos de gigantes cas crises econômicas da direita capitalista-liberal, anticomunista. Tais crises são engendradas, em parte ao menos, pelas contradições internas emergindo de dentro do próprio sistema-mundo capitalista.

A primeira destas crises, a de 1929, em parte ao menos, tem características clássicas de uma crise de superprodução dentro das relações (infraestrutura material econômica da sociedade humana, a parte **simples** e determinante da estrutura total daquela sociedade) produção-consumo nas trocas capitalistas, ao menos nos

grandes centros já industrializados do planeta. Esta crise gerou fantástico ciclo de desemprego na classe trabalhadora europeia e norte-americana, praticamente os únicos centros já bastante industrializados do planeta, onde estavam as frações sindicalizadas mais significativas. Com exceção da URSS, que foi muito menos afetada pela crise em curso e que estava fora do grande circuito capitalista e que supostamente constituir-se-ia numa “sociedade comunista”. Mas do ponto de vista (articulado com aquela infra econômica) da política (isto é, da **complexa** superestrutura imaterial político-ideológica da sociedade humana), esta mesma parte da sociedade industrializada do mundo viu-se diante de um “espectro ameaçador”: “o espectro do comunismo soviético que ronda a Europa e os EUA”! Isto obrigou o capitalismo a desenvolver severas políticas sociais anti-desemprego (o que mereceria uma extensa análise) que levou, por sua vez, a novos benefícios para a classe trabalhadora e, em última instância, ao “Estado do Bem Estar Social” (“Welfare State”), nos EUA e em certos países da Europa Ocidental (dentro da esfera hegemônica norte-americana), que por sua vez levou ao que Hobsbawm denominou a “Era do Ouro” capitalista (1945-1973) no séc. XX. Deixaremos para análise futura uma curiosa “interpenetração dos opostos”, Estado capitalista e Estado do “socialismo real”, durante ao menos parte dessa Era. Uai! Mas o capitalismo não é 100% antissocialista? Não há uma fronteira nítida, irremovível, que separa perfeitamente capitalismo e socialismo? Que fique a pergunta pendurada no ar.

A segunda das crises, a de 2008, ocorre em circunstâncias em parte diferentes da crise de 1929.

O capitalismo tal como se apresenta hoje é um capitalismo pós-Welfare State: ele deslanchou no início dos anos 1980, sob Reagan nos EUA e Thatcher no Reino Unido (o estágio atual desse capitalismo será visto adiante no fim da PARTE II, item (2): con-

juntura atual do capitalismo). É o denominado “neoliberalismo” e, por oposição ao estágio anterior do Estado do Bem Estar Social, ele tendeu – em termos da infraestrutura econômica – a migrar da prioridade do mercado produtivo para a prioridade do mercado financeiro. E como não existia mais, em 2008, nenhum “terrível espectro do comunismo rondando EUA e Europa Ocidental”, em termos políticos (superestrutura político-ideológica) o capitalismo não precisou se preocupar, ao contrário do que fez a partir dos anos 1930, com medidas de políticas públicas de crescimento econômico-defesa do emprego. A mercadoria-trabalho não foi poupada/protegida dessa segunda vez pelo grande capital. Com isso as mazelas especulativas (setor da infraestrutura econômica) que desta vez antecederam e estiveram presentes na crista da crise de 2008 continuaram em boa parte intocadas. O que é pelo menos uma receita potencial para nova e gigantesca crise, com o ônus novamente recaindo sobre a classe trabalhadora. Sem “espectros comunistas” (setor da superestrutura político-ideológica) à sua frente será que o capital finalmente ficou sem ameaças externas efetivas à sua rota interna cumulativa de riqueza privada planetária e autogeradora de crises? De modo certamente simplificado, essa foi a percepção das lideranças deste sistema-mundo até por volta do ano de 2016, quando partidos e movimentos políticos de uma extrema direita até então incipiente na Europa e nos EUA sofreram uma forte arranco via: a vitória do BREXIT no Reino Unido em meados de 2016 e a eleição de D. TRUMP nos EUA ao final de 2016. Mas este será o assunto do CICLO 3 no curso.

Eis os sete ciclos “longos” que serão discutidos no curso, bem como algumas interconexões entre eles:

CICLO 1 – OS DOIS CICLOS DE CRISES ECONÔMICAS DA *DI-REITA* CAPITALISTA-LIBERAL, ANTICOMUNISTA.

CICLO 2 – OS DOIS CICLOS DE REVOLUÇÕES À *ESQUERDA*

SOCIALISTA/COMUNISTA, ANTICAPITALISTA

CICLO 3 – OS DOIS CICLOS DE **EXTREMA DIREITA**, ANTI-ILUMINISTA (ANTICAPITALISTA,

ANTI-COMUNISTA). O SEGUNDO CICLO AINDA EM CURSO.

CICLO 4 – O CICLO DAS DUAS GUERRAS MUNDIAIS: UMA GUERRA EM DUAS ETAPAS

CICLO 5 – O CICLO DO PROGRESSO WILSON-LENINISTA

CICLO 6 – OS DOIS CICLOS DE CONFLITOS (EIXOS ISLÂMICOS: EGITO [LAICO); IRÃ [TEOCRÁTICO])

NO ORIENTE MÉDIO E EM SEU ENTORNO. O SEGUNDO CICLO AINDA EM CURSO

CICLO 7 – O CICLO, EM CURSO, SOCIOAMBIENTAL: “O METEORO É O CAPITALISMO”.

CONJUNTURA ATUAL: SISTEMA-MUNDO CAPITALISTA

Destaca-se aqui análise do atual “pulso político-econômico” do sistema liberal-capitalismo global: tal sistema, é nossa conjectura, não está (I) nem no extremo de uma crise terminal global, (II) nem de uma virtuosa expansão global, mas sim (III) em algo como um estágio entre, de um lado, uma forte expansão produtiva (Bacia do Pacífico: China, Índia, Tigres Asiáticos etc.) e, de outro, uma hegemonia do sistema financeiro e uma conseqüente estagnação – há cerca de 40 anos – ao menos em termos de desenvolvimento econômico também voltado à grande massa assalariada (Bacia do Atlântico: euro-americana – aí incluída a Rússia), o que pode ser sintetizado bem inicial e simplificadamente na “curva do elefante”, da área de economia, que engloba e diferencia, em termos de crescimentos salariais, aquela duas grandes Bacias do planeta.

Lucilaine Reis

Lucilaine Reis é Pedagoga e nas horas vagas é saxofonista e compositora do grupo PRAJNA.

João Ricardo Reis de Almeida é estudante do quarto ano de escolaridade, joga como goleiro e nas horas vagas é escritor.



E-laurio: o garoto fada

(Trecho do Livro: Os Mariolas e a Senhora das Sombras)

E-laurio abriu os olhos, mas não quis se levantar, ficou deitado e viu que horas eram. Era tarde. Mas decidiu ficar um pouco mais na cama. Adorava esse lance de cama. Olhou para o teto em acabamento de gesso. Gostava da sensação de maciez que havia nos desenhos que se formavam nas bordas. Lembravam glacê de

bolo. Adorava bolo. Adorava enfiar a cara no glacê do bolo. Tão macio e fofinho. Ploft. Cara no bolo.

Gostava de pensar em si mesmo como um sujeito que amava essas coisas de que não precisava. Não precisava dormir, mas dormia. Não precisava comer, mas comia. Não precisava de tetos de gesso, de lençóis macios, com bordados, mas gostava assim mesmo. Sobretudo não precisava malhar. Seu corpo podia assumir a forma que quisesse sem muito esforço, mas adorava malhar. Malhar pra ele era quase uma religião. O esforço, a dor, a superação dos próprios limites, o suor. Amava muito tudo isso. Pena que era mentira. Seu corpo de fada não estava subordinado às leis da física, nem às da biologia humana, então não sentia nada disso. Mas fazia muitas caras e poses e adorava estar junto da galera. Isso era bem verdadeiro.

Depois de alguns minutos acordado, decidiu se levantar, flutuando lentamente e saindo da cama. Planou até a ampla janela envidraçada e olhou o céu ao longe, o mar tranquilo e as pessoas que passeavam no calçadão. Amava morar numa cobertura na Praia de Icaraí e poder acordar e olhar o mar. Alguns vizinhos humanos se incomodavam com a presença de fadas no prédio. Eles argumentavam que fadas deveriam morar em moradias de fadas (o que quer que isso significasse). Mas sua família tinha dinheiro pra pagar, então nem tomava conhecimento do que um ou outro vizinho ranzinza dissesse.

Vestiu magicamente a roupa de ginástica. Olhou no espelho e gostou do que viu. Tinha um bumbum bem bonitinho. Resolveu comer alguma coisa antes de descer para o treino.

Conjurou magicamente uma bela sapatonada gratinada aos quatro queijos. Como que por magia (ou por magia mesmo) sua mãe surgiu na porta gritando:

- Quantas vezes eu tenho que dizer que comer sapatos em jejum não é saudável!

- Mas mamãe a minha sapatonada é super rica em fibras! O queijo ainda acrescenta proteína! Perfeito pra comer antes de malhar!

A mãe revirou os olhos como quem desiste da discussão:

- Então, ao menos coma os seus próprios sapatos!

Descendo pelo elevador até o calçadão (poderia viajar por magia, mas que graça teria isso) olhou-se novamente no espelho. Aproveitou para inflar magicamente os músculos, clarear o sorriso e fazer o cabelo crescer caindo na testa. Gostava de pensar em si mesmo como o corpo do Incrível Hulk, com o sorriso do Tom Cruise. Agitou as asinhas, queria que fossem um pouco mais másculas. Era a única parte do seu corpo de que não gostava e também a única que não poderia transmutar. Era nas asas que morava a magia das fadas.

Chegou ao calçadão, todas as vidraças de prédios e vidros de carros pareciam refletir a sua bela figura, mas ninguém além dele mesmo pareceu notar. Sentiu-se anônimo. Como assim ninguém estava olhando? Ninguém admirando seu charme, sua força, sua beleza?

Teve uma ideia pra se enturmar. Viu um grupo logo à frente e decidiu propor um handebol de areia. Voou até o coqueiro mais próximo. Preferia os cocos às bolas nesse tipo de jogo, encaixavam melhor na mão e eram mais pesados, tornando o desafio maior. Escolheu o maior dos cocos. Achou que ele zumbia na sua mão. Mas imaginou que o coco ficara emocionado de ser escolhido por ele. Voou em direção ao grupo e quando estava suficientemente perto, chamou.

ALFARRÁBIOS XII

- Ei galera! Que tal uma partidinha? – E jogou o coco. Nesse exato momento sua mãe apareceu de novo, numa explosão de luz e cor e gritou:

- Pelo amor de Lady Gaga, E-laurio, isso não é um coco, é uma colmeia!



Marco Valença

Marco Valença é poeta, compositor,
fotógrafo.

www.marcovalenca.com



DA CAPA

a garota da capa
é grota mais funda
que o garoto
que avista a imagem
consegue saber
já que ele não segue a rota
não lê o alfarrábio
onde ela se revela
mais do que mostra

a garota da capa é linda
e depois finda
com a próxima edição
com outra moça

ALFARRÁBIOS XII

coisa rôta mais profunda
do que o garoto
que não lê
vai poder sonhar
mas não obter

a garota da capa é uma mulher
mesmo de papel
sempre musa
muitas vezes não muda

marcoVALENÇA.

14.02.2019.



GRAVITAR

eu homem
quero engravidar
de vida
até estufar

ALFARRÁBIOS XII

e depois parir
aliviar
o sentido
não o sentimento
gerar
a próxima mãe
do que já conheço
e delirar
um recomeço

marcoVALENÇA.

02.01.2019.



MUITO PRAZER

a criação
é o mais fiel
que alio a mim
sem nem mesmo ainda
conhecê-la

ALFARRÁBIOS XII

e há um sentimento
de alfazema
ou um rastro
de mazelas
sentimos lindas
raivas e dores
em jardins com fetos
de povos dizimados

quando a arte
chega em nós
somos apenas e somente
metropolitanos
sendo agrários

marcoVALENÇA.

22.02.2019.



ALFARRÁBIOS XII

SEM PECADO

quando o amor erra e acerta é quando ele se sacrifica pela sobrevivência.

como o instinto da ciência de um bicho ou um vegetal qualquer,
dentre milhões, meu amor dá um dedo e entrega o braço pra
continuar a existir, perde lastros,

sede a temperagem de dar passo por passo, faz agrados, alta em saltos, se deixa descalço caminhando por desertos ou geleiras,
não importa o clima, não cabe

o espaço. ele não come, bebe, se acorberta, se despe, somente
respira o rarefeito, é tudo um involuntário desacordo tácito.

o amor, que acerta e erra, é um imenso e belíssimo e lindo
descalabro.

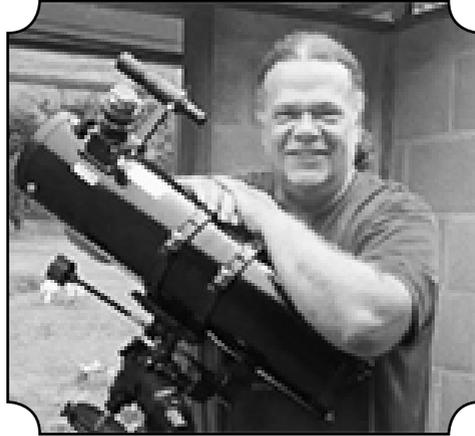
sempre vândalo e válido.

marcoVALENÇA.

22.02.2019.



Renan Santos



A astronomia das pirâmides de Gizé

Todos nós sabemos que desde o início da existência de vida inteligente no planeta, o céu exerce um fascínio intrigante entre os seres humanos. Por enquanto, estou me referindo ao céu astronômico, ao céu das estrelas, ao firmamento isento de credos e mitos. Nos dias de hoje o céu noturno passa quase que despercebido nas grandes metrópoles devido ao efeito do excesso de iluminação das cidades chamado de “poluição luminosa”.

Desde o início da raça humana até antes do descobrimento da energia elétrica no século XVIII por Benjamin Franklin, o céu noturno era muito mais evidenciado e notado por todos, chegando

a promover um certo medo na maioria das pessoas por ser a definição da maior evidência do desconhecido bem em cima de nossas cabeças. Esse céu astronômico regido pelas leis da física e da química dá lugar ao céu simbólico, como podemos ver no decorrer da história, a partir do medo do desconhecido e do poder exercido sobre as pessoas, o céu passou a ser o principal palco de histórias contadas por Deuses mitológicos e crenças das mais diversas e variadas formas. Trazendo os tempos remotos para os dias de hoje, é como se o céu naquela época fosse um imenso “outdoor” que poderia ser visto por todos a uma distância quase que ilimitada, e que devido ao fascínio, e evidente medo do desconhecido, era também usado como uma ferramenta de poder e submissão entre os menos esclarecidos.

Existe uma história fascinante que liga a construção das Pirâmides de Gizé, complexo de três pirâmides construídas aos arredores do Cairo, capital do Egito, com três estrelinhas muito conhecidas por nós (as três Marias) que na mitologia fazem parte do Cinturão de Orion, chamadas de (Delta Orionis, Epsilon e Zeta). Alguns egiptólogos consideram as pirâmides como sendo um monumento funerário e outros como uma espécie de observatório astronômico.

Se pegarmos uma foto feita pelo Google Earth do terreno onde foram construídas as pirâmides de Gizé, uma astrofotografia do cinturão de ORION e sobrepor as duas imagens, podemos nos certificar do perfeito alinhamento entre o Cinturão de Orion e as 3 Pirâmides (veja a imagem). Hoje a tecnologia tem condições de provar o que era anteriormente apenas uma suposição. Esta exagerada exatidão astronômica nos dá a noção de que as pirâmides foram criadas para serem o caminho dos faraós rumo às estrelas.

Para se ter uma ideia da complexa engenharia aplicada à esta construção, a grande pirâmide tinha 145.75m, o ângulo de in-

clinação é de $54^{\circ}54'$, sua base é um quadrado quase perfeito com 229m de lado, sendo que o maior erro entre o comprimento de cada lado não passa de 0,1%, algo em torno de 2 cm por cada lado da pirâmide, o que é insignificamente pequeno dado o tamanho total da edificação. São cálculos que nos dão margem a pensar, como por exemplo, se você pegar o perímetro da pirâmide e dividi-lo por duas vezes a sua altura, chegará ao número PI (3,14159...) até o décimo quinto dígito. Seria praticamente impossível que esse fenômeno tenha ocorrido por acaso, onde até o século VI d.C., o número PI havia sido calculado só até o quarto dígito.

O fato é que, até agora, não sabemos com exatidão o motivo deste alinhamento. A única certeza que temos é que nos dias de hoje as pessoas não prestam mais atenção aos detalhes evidentes que a natureza nos mostra. Não se contempla mais o céu noturno como algo a ser desvendado, o que é uma pena.

Precisamos mostrar aos jovens de hoje e às pessoas de um modo geral que não podemos perder a conexão com a natureza, com a simplicidade dos eventos físicos como observar a chuva caindo ou perceber que a noite está enluarada. Temos que parar um pouco de olhar para os nossos celulares, sair da conexão com a internet e prestar mais atenção nas belezas que uma conexão com a natureza pode nos proporcionar.

Renan Santos

Sites de pesquisa:

<http://ninitelles.blogspot.com/2010/08/de-onde-vem-apontar-estrelas-causa.html>

<http://tonocosmos.com.br/as-piramides-e-orion>

<https://ruipaispensamentos.blogs.sapo.pt/20288.html>

Renata Barcellos

pós-doutora em Língua Portuguesa pela UFRJ e professora de escolas da rede de ensino pública do Rio de Janeiro e da UNICARIOCA. Sou associada ao Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos [CIFEFIL - membro da Academia de Letras de Fortaleza [ALAF - da Academia de Letras Paranapuã - ALAP [da União Brasileira de Escritores [UBE [da Associação de jornalistas e escritoras do Brasil AJEB/RJ [colunista do Portal Jornal Sem Fronteiras (<http://www.redesemfronteiras.com.br/>) e do Programa Encontro Mercado com a cultura na BAND AM 1306 (pauta Educação). É coautora da **Gramática contextualizada** (2016) e de antologias e autora de vários artigos acadêmicos e de livros como **Itens de análise linguística no novo ENEM e no Saerjinho, de Alma Dilacerada, de Barcellos em prosa e verso e de Barcellos e Viana: um encontro**.



Mulher contemporânea

Início esta breve reflexão com o seguinte questionamento: o que é “ser” mulher hoje?

Sabidamente, Simone de Beauvoir diz que “não se nasce mulher, torna-se”. Isso é fato!!! A menina passa por inúmeras transformações até desabrochar, ser dona de si, do seu corpo, das suas escolhas e de suas conquistas.

Quando ela é determinada, nada a impede de alcançar seus objetivos. Luta bravamente. “Sexo frágil” era a vovozinha do século passado muitas vezes. Por que, desde os primórdios, observa-se comunidades nas quais liderava. Era temida por exércitos inteiros de homens como Débora, uma juíza e profetisa de Israel, liderou

o povo na guerra contra o rei de Canaã. Ela convocou o povo para a batalha e profetizou sua vitória sobre um exército muito grande.

A partir dos ideais e das mudanças advindas da Revolução Francesa, as mulheres começaram a conscientizar-se das desigualdades submetidas e, aos poucos, passaram a questionar os modelos sociais e lutar para bani-las. Esse período ficou conhecido como a primeira onda do feminismo. Neste, surgiu o movimento sufragista, formado principalmente por mulheres inglesas para garantir o direito da participação feminina nas eleições. Duas representantes foram: Emmeline Pankhurst e a escritora Mary Wollstonecraft, que também defendeu em seus livros o direito de voto das mulheres. A segunda onda do feminismo aconteceu no período entre os anos 60 e 90. Neste momento, a busca pela igualdade social e igualdade de direitos se intensificou e as mulheres passaram a questionar todas as formas de submissão e desigualdade que enfrentavam. A terceira onda feminista iniciou a partir dos anos 90 com a busca de total liberdade de escolha das mulheres em relação às diversas áreas de sua vida.

Desde quando iniciou toda a conscientização, a mulher vem conquistando direitos e espaço no mercado de trabalho. Cada vez mais, exerce múltiplas funções. Uma delas ainda hoje muito cobrada: ser mãe. O tempo passa, mas certas formas de pensamento não evoluem. Urge um entendimento: nem toda mulher nasceu para ser mãe e/ou casar. Nem por isso são melhores ou piores. São apenas escolhas. Assim como ter o direito de aborto. Se, por um acidente, engravidar e não almejar por alguma razão ter um filho naquele momento, que lhe seja consentido fazer o que considera melhor para si.

Infelizmente, o feminicídio é uma realidade a ser combatida. Segundo o Ministério dos Direitos Humanos (MDH) divulgou o balanço do Ligue 180 – Central de Atendimento à Mulher, com dados referentes ao período de janeiro a julho de 2018. De janeiro

ALFARRÁBIOS XII

a julho de 2018, foram registrados 27 feminicídios, 51 homicídios, 547 tentativas de feminicídios e 118 tentativas de homicídios. No mesmo período, os relatos de violência chegaram a 79.661, sendo os maiores números referentes à violência física (37.396) e violência psicológica (26.527). Dados esses alarmantes em pleno século XXI no qual mulheres são esclarecidas e, muitas vezes, envolvem-se em relacionamentos tóxicos, abusivos. Muitas independentes financeiramente (até bancam o companheiro), mas emocionalmente carentes, acabam submetendo-se a situações de extrema submissão, humilhação e violência. Não se deve permitir nenhum tipo de abuso!!! As pessoas devem respeitar e serem respeitadas. Ninguém é obrigado a ficar com quem não mais lhe interessa. As pessoas precisam se reeducar para serem felizes. Serem mais tolerantes umas com as outras.

Para finalizar, vale dizer que nem tudo também deve ser considerado assédio sexual. Tudo depende do contexto, da entonação.... Afinal, um bom elogio (mesmo com um quê malicioso) faz um bem enorme. E a autoestima agradece. Feliz mês da mulher, gostosa!!!



Ricardo Almeida

Ricardo Almeida é professor de Pesquisa e Prática de Ensino da UFF, poeta, compositor, guitarrista e vocalista da banda PRAJNA, pai do João e marido da Lu.



ÀS VEZES

Às vezes sou tantos que caibo inteiro num dedal
Outras, sou Maria Padilha na meditação

DEUS ME LIVRE

Em nome do Pai,
do Filho e do
Espírito Santo,
Eu tomo refúgio no Buda,
Eu tomo refúgio no Dharma,
Eu tomo refúgio na sanga.

Atotô, Obaluaiê.

Deus me livre de ter só razão.

Deus me livre do peso da tua mão
na minha mão que pesa.

Deus nos livre,
daqui até a posteridade,
de toda e qualquer
teologia da prosperidade.

Deus nos proteja dos monstros
ora gestados
nos velhos ventres
de velhas dualidades.

Deus nos liberte da rigidez
cadavérica das identidades.

E nos permita ver para além
dos ventos das nossas ações,
o nosso brilho
no brilho de cada outro
olhar.

Atotô

Amém

Saravá

Aleluia

Namastê

ONTEM

(para Lucilaine Reis)

Ontem

Tua boca

Soprou alma

Em minha boca

E o que era

Morte certa

Se contorceu

Em espasmo vital

Ontem

Nossas línguas

Falaram

A mesma língua

No encontro crioulo

De línguas diferentes

Ontem

No breve instante

E novamente

O infinito se afirmou

No desejo de desejar

Ontem

O mundo

Foi tua boca

E minha boca

Um momento

E as duas fizeram o tempo

Descarrilar

Ontem

Hoje

Amanhã

É

Não é

É



ANOTAÇÕES DA REALIDADE

Os sonhos fogem, secam. A memória é vaga. Ondas. Se fosse possível, eu. Mas nem sei o que é possível.

Aquele dia isso me veio assim feito fumaça. De cigarro, de gelo seco. Preciso parar de fumar.

É feito uma dor no abdômen. Não há saída. As portas foram fechadas. Liberdade vigiada.

É o esgoto, o escroto humano vagando em ondas. “Não faz marola.”

Forçado à prisão, à prostituição. O medo. O medo é nossa carteira de identidade. Green card para os ricos, green são os dólares, a esperança e as fardas do Exército.

É, foi mais ou menos assim. É possível falar horas a fio sem dizer nada. Mas nem sempre se pode confiar nisso. Anotações do sanatório não são propriamente nada. Em algum lugar se encerra a verdade. Em algum lugar, a verdade. Em algum lugar se encerra.

Roberta Tostes Daniel

Carioca. Tem poemas publicados em revistas eletrônicas, tais como Mallarmagens, Zunái, Germina, Musa Rara, Diversos Afins, Estrago, Literatura & Fechadura, Incomunidade. Incluída nas antologias “Um girassol nos teus cabelos - poemas para Marielle Franco” (Quintal Edições/ Mulherio das Letras), “Desvio para o Vermelho” (CCSP), “Amar, verbo atemporal” (Rocco), entre outras. Publicação do livro Uma casa perto de um vulcão. Ed. Patuá. 2018 e Ainda ancora o infinito (Ed. Moinhos).

Escreve no blog <http://sedemfrenteaoamar.wordpress.com>

E publica fotos em: <http://instagram.com/robertatostesdaniel>



Pássara

passarás?

Tuas asas

tuas sobrancelhas

tuas cores

Orlanda.

Flor e país

caveira e acontecimento.

Dia do juízo final.

Não te recolho ao nome
misturo teus gestos
à casa azul.

Metamorfoseio
identidades.

O que és
o que não és
está neste quadro.

Pássara
que fica
Frida.

*

Pretérito Perfeito

Me desfiz em operações bancárias

sofismas

outros redutos de sucção.

Desativei rochas

comi pedras

matei Sísifo.

Recriei silogismos absurdos

amei conclusões falsas.

Me afastei do Kafkiano

encontrei o Kierkegaardiano

ajudei Abraão.

O valor encontrado na poesia

foi necessariamente verdade.

*

A literatura me dá

a minha literatura

que não é feita de raios

mas de pequenas explosões de tempo.

Se faz pela torção da linha

mira no erro, acerta o alvo

mira no alvo, acerta o erro.

No conjunto universo da literatura
cada palavra é uma intercessão
uma tangência, rua transversal
do pensamento, convalidação
do cotidiano, sobre torpezas
entre o arcaico e o divino.

*

Em Angkor Wat deposito meu véu sem cor.
Em Angkor me despindo de Vênus
e do meu primeiro poema
(sucumbia em seus espaçamentos, nuances, espasmos
seus pelos pubianos, seu batom).
Em Angkor Wat a distância se esfarinha
nas pedras milenares que calcaram o Império Khmer.
Um súdito me denuncia: nunca estive
em Angkor, tampouco o mais vivente
(tudo pertence às árvores e às raízes).
Estima-se que pegou um avião e ingressou em Siem Reap.
Estima-se que sentiu a vertigem dos séculos transcorrerem seu
sangue.
Estima-se que a alma dos templos te abraçou no Camboja

ALFARRÁBIOS XII

(eu mesma planejo isto).

No entanto, meu bom irmão, meu ocidente

saibamos nos aproximar da morte

intuamos o sagrado e a pobreza

ouçamos o som do navio partir

(e não é nem mesmo música).

Fica-se com o resto de si na penumbra

que esquece o santuário.

O abandono é um dom dos deuses

a guerra é ter pra onde ir.

*

Conjunção

Há algo de irreal em meu nome

legado sem dono

no modo como choro

circunstâncias

no acordo obsceno

da imortalidade

que faz de cada homem

seu artífice

de possibilidade
como um tempo sutil
dominado por alçapões.

Ou há algo de obsceno
meu Deus
no modo como
sem nome
acordo dominado
por um tempo
artífice
onde cada possibilidade
é um homem –
ele cai
do próprio choro.

*

Determinada a muitas circunstâncias
pesa o grau de violação do corpo.
Falar em direitos e fundamentos
é romper em parte a casca dos tributos

ALFARRÁBIOS XII

que tenho prestado a contribuir com a doença social.

Não me sinto de todo doente

tendo em vista que desvio da norma há anos.

Há nisso a propagação de uma inocência

e do fim da enfermidade

do centro, imposta.

Sabendo me reinventar na solidão

desisto das imagens da chuva

recorro amiúde ao horizonte

de onde o salitre procede.

Sei dos arrastos, da invocação da pesca

tudo continua como se nada houvesse

mudado, mas dos arenques

concebo novas formas novas fomes.

A envergadura de minha incerteza

circunstancia outras margens.

Na planura dos toques

na carnalha dos olhares

e no consenso possível

a compreensão de um achado –

repousar a cabeça no ventre

repousar o ventre

descansar as formas.

*

Artesã

Torna inviáveis gotas de chuva
desbastada matéria
escultórica
franzina inspiração
de rápida eloquência
dias que não são iguais
em si
de dentro
da tempestade.



Spírito Santo

Músico e pesquisador e escritor, estudou teoria musical em curso dirigido pelo Maestro Guerra Peixe. Projetista de Arquitetura formado pelo Senai, Escritor, Artesão e Arte educador.



Ai que saudades da bivó

Minha bisavó era praticamente uma criança quando veio para o Brasil. Era uma negrinha magricela, mas, tão magricela que, quando os brancos chegaram, tremia tanto de medo que não conseguiu nem correr.

Ela dizia que eles chegavam de mansinho, como quem não quer nada, como que cercando uma caça mansa qualquer e ficavam acenando lenços encarnados, escondidos no meio do capinzal.

Quando os benguela mais curiosos (ô gente curiosa estes benguela! Chegavam a perder os dentes de tanto morder as coisas que não conheciam, só para sentir o gosto que elas tinham) iam ver do que se tratava... Pou! O laço caía, o benguela truplicava, esperneava, até que, amarrado com os outros numa fila, ia seguindo por uma trilha da selva, até chegar na praia, até chegar no navio que, depois da eternidade mais comprida deste mundo, chegava aqui no Brasil.

Esta história que conto pra vocês agora (como gostava de contar história a velhinha de quem eu tive o que puxar) é uma história que ela contou pro meu avô que contou pro meu pai que contou pra mim e que eu, repassador de histórias que sou, conto pra todo mundo que quiser ler o que escrevo aqui.

(Até ontem isto era segredo de família, mas deixa pra lá. Isso era uma vez e segredo de três o diabo fez).

A incrível história da arapuça Nfófó

Vocês conhecem o Nfófó? Não? Pois o Nfófó (*numidasimilus meleagris*) era uma espécie de galináceo vistoso, primo-irmão da galinha d'angola (*numida meleagris*) – vocês conhecem a galinha d'angola?- pois o nfófó era um pouco maior, com a penugem mais escura, com umas pintas amarronzadas como ferrugem ou pinta de leopardo. Uma belezura de bicho, se poderia dizer.

Dizem que era uma ave arisca a mais não poder, cismada. Quando assustada tentava, mas, não voava mais que meio metro, coitada. Não se acostumava em viver perto de gente de jeito nenhum e por esta razão era considerado um bicho chucro, selvagem (não que fosse bicho brabo não, muito pelo contrário). O certo é que os Nfófós viviam em bandos, escondidos no meio do mato.

Um detalhe importantíssimo, interessante mesmo para os meus parentes benguela (cuja vasta consciência ecológica não chegava ao ponto de se descuidar de sua prioridade absoluta: a própria sobrevivência) era, sem dúvida nenhuma, a saborosa carne do Nfófó.

Foi por esta prosaica razão, entre outras, que os Nfófós foram rareando, rareando, até se tornarem apenas uma deliciosa lembrança gustativa nos sonhos senis de minha bisavó.

Mas, a culpa da extinção dos Nfófós não foi de forma alguma – é preciso ressaltar – só dos benguela ou de qualquer outro ser humano que um dia teve o glorioso prazer de comer aquela iguaria.

Foi o que minha bisavó defendeu até à morte.

O cronista austríaco Kurt Böhler Hoffbauer que visitou o território benguela em fevereiro de 1883, a serviço do Kaiser Franz Josef, nos conta, cabalmente, que o cheiro dos ovos do Nfófó era muito forte, insuportável mesmo, porém, na mesma medida, irresistível aos homens, provocando neles uma estranha sensação afrodisíaca.

A lenda dizia, no entanto que este odor característico ficava impregnado no corpo de quem comesse os ovos por dias e dias, á fio, semanas talvez. Depois de dissipado do corpo, o cheiro maldito continuava, para sempre na mente das parceiras de quem comeu os ovos, impossibilitando qualquer contato íntimo para o resto da vida. Era, obviamente, um castigo atroz para os benguela, fornecedores contumazes e notórios que eram (ou ainda são até hoje, quem sabe). Hoffbauer observou nas notas de seu relato que:

“... Der kraft schmerz die manner hunger anreizend, über unwiderstehlich form, aber die gegessen später, in der schweiß unbeweglich eine grosse abneigung in der frauen mache...” na tradução livre:...” (O forte odor dos ovos estimulava, de forma irresistível, a gula dos machos humanos mas, após a sua ingestão, impregnado no suor de que os comeu, provocava uma aversão maior ainda nas fêmeas...)”

(in ‘Das Angolanisches ganze leben’, Hoffenabuer, K.B.

GanzeWelt Verlag – Köln, Deustschland 1883)

Aquele talvez fosse um inteligente e caprichoso artifício da natureza para a preservação dos Nfofós: Salvavam-se os ovos ou o hábito de comê-los extinguiria de vez com raça dos benguela. No entanto, do jeito que os humanos gostam de tudo que é proibido (como se sabe, em nós a inteligência e estupidez são atributos gêmeos) a solução da natureza era um frágil artifício.

É o que veremos á seguir.

Minha bisavó dizia que, embora os mais jovens fugissem dos ovos de Nfofó com sabedoria digna dos mais velhos (a quem eles deixavam o castigo de comê-los) muitos benguela se lixavam para a lenda. Com o tempo então, a maldição dos ovos teve que ser repassada também para a carne do Nfofó, ou seja, para o Nfofó como um todo.

Hoffbauer chega a reproduzir em seu livro, uma gravura benguela

da época (na verdade uma gravura flamenga, muito antiga), retratando o Nfófo como uma espécie de entidade maligna e assustadora. Nada disso, contudo, adiantaria por que, entre todos os nossos tolos instintos, o da sobrevivência sempre foi o mais estúpido: mesmo sabendo que podemos morrer disso, se é só isto que temos para comer, na ânsia de sobreviver, é exatamente isto que comemos e é, fatalmente, disto que morreremos.

Gravura 1856 - in 'Das Angolanisches ganze leben', Hoffenabuer, K.B.

Gravura 1856 – in 'Das Angolanisches ganze leben', Hoffenabuer, K.B.

Ficava o dito pela lenda como não dito então.

O fato é que se comia muito fartamente Nfófos naquele tempo. Para comê-los, tínhamos que caçá-los, saber seus hábitos e suas manias, para então poder inventar uma armadilha para apanhar o bicho. Daí a arapuca do Nfófo cuja minuciosa descrição cuida de relatar a seguir.

O nome Nfófo, como vocês já devem ter intuído, é onomatopéico, ou seja, vinha do som que ele emitia quando estava com medo, assustado. Como ele era, apesar de arisco, um bicho danado de curioso, levava muitos sustos em sua curta vida.

Esta curiosidade atávica, hábito mais característico do Nfófo, foi como também se pode intuir, a sua ruína.

Com know how desenvolvido pelos benguela em muitos anos – séculos talvez – a Arapuca de Nfófo ('nfobulobulo' em idioma benguela), tinha no tempo de minha bisavó a forma de uma caixa triangular de gravetos habilmente atados com um cipó especial, chamado por eles de 'lukululu' ('ngnosis selvaticus'). Havia na caixa uma portinhola á guiza de guilhotina, firmemente tencionada por uma vara longa, que os benguela chamavam pelo curioso nome de 'kalapulo' (de provável procedência lusitana).

Nestes aspectos até que a arapuca de Nfófo era uma armadilha bem comum. O que a tornava única, era o fato de ser profusamente enfeitada com penas de pássaros locais, de variadas cores, além de muitos chocalhos, feitos com pequeninas cabaças contendo sementes, muito leves, que faziam ruído a qualquer brisa ou vento que soprasse.

Diante de um chamariz e de uma armadilha, ao mesmo tempo, era curiosidade então que pegava o Nfófo pelo pé.

Um dos dados mais curiosos da tática de caça ao Nfófo era que, ao invés de esconder o nfofobulo como deveria fazer com qualquer arapuca, a prática mais comum era deixá-lo bem visível, próximo à vegetação cerrada onde os bandos de nfofós se escondiam. Um deles sempre percebia a arapuca e tomado de insuportável atração, corria para ela aos berros:

— "Nfófo! Nfófo! Nfófo!"

Todo o bando, mesmo escondido, entrava a em polvorosa gritando num especial alarido, chamando a atenção do caçador que, podia estar a alguns metros dali, tranquilamente dedicado a outros afazeres. A cena que se seguia, até há pouco tempo, enchia de água a boca de minha querida bisavózinha:

O nfofo precursor, aquele que primeiro viu a arapuca, olhava por alguns instantes para ela, extasiado de pavor. Espevitado, abria o bico em desespero, repetindo:

— "Nfófo! Nfófo! Nfófo! Te digo! Te digo! Te digo!"

(Este 'te digo' era outra sutil diferença entre os sons onomatopéicos do nfofo e da galinha d'angola que, como se sabe fala "Tô fraco! Tô fraco!")

Logo em seguida, o Nfófo precursor corria para o bando e voltava correndo para a arapuca, acompanhado agora por mais um curioso. O caçador, neste exato momento, punha a arapuca para funcionar e pronto, o primeiro nfofo ficava ali, estrangulado, enquanto o

histórico sobrevivente corria para o bando, no mesmo ritual:

—”Nfófo! Nfófo! Nfófo! Te digo! Te digo! Te digo!”

Pegava-se assim, um a um, todo o bando de pobres nfofós.

Hoje em dia – é claro – não existem mais nfofós em Angola. Minha bisavó dizia também (mas isto eu não consegui provar ainda) que vem do nome nfofo a palavra brasileira fofoca que, neste caso, seria mais uma interessante contribuição das línguas africanas ao português falado no Brasil.

Pelo menos no que diz respeito ao jeito da arapuça pegar o nfofo (no caso dos fofoqueiros em si, dos ‘disse-me-disses’, dos ‘língua-de-trapos’, dos ‘leva-e traz’ e dos incontáveis ‘um-sete-uns’ e trambiqueiros deste nosso Brasil, bem que a minha bisavó podia ter razão.

Spírito Santo

Rio, 24 de julho de 1993

(com ligeiros retoques em 2007)

Galera amiga,

1- Na verdade, o autor não tem a menor idéia se sua bisavó foi mesmo da nação ovimbundo (que ocupa até hoje a região angolana denominada Benguela).

2- O simpático e, convenhamos, fôfo bichinho da história, ao qual o autor denominou de ‘Nfofo’, até prova em contrário não só, rigorosamente, não existe como jamais existiu, sendo toda a descrição de seus hábitos bem como as complexas estratégias para a sua caça, nada mais do que deslavadas mentiras.

ALFARRÁBIOS XII

3- Do mesmo modo, são inteira e descaradamente falsas todas as referências ao livro de Kurt Böhler Hoffbauer porque o referido antropólogo, sendo um personagem de ficção, jamais existiu e não poderia portanto ter viajado á Angola ou ter escrito qualquer crônica ou livro sobre o assunto.

4-A existência de um link em idioma alemão, referente ao suposto perfil de um indivíduo chamado Hoffbauer não passou de uma feliz coincidência para as marotas intenções do autor.

5- A gravura holandesa do “Nfófo maligno”, é obviamente uma farsa mais descarada ainda (as pintas do bicho foram toscamente inseridas no photoshop).

6- Portanto, aí, galera...foi mal, heim! A ‘Arapuca de Nfófo’ nada mais é do que ESTA na qual vocês caíram. Como perdão contei, é claro, com a inegável bondade da minha intenção de divertir vocês.



Ruas de Copacabana: um encanto que inspira

Estava eu caminhando um dia desses pelas ruas de Copacabana. Como eu não sou do Rio, me sinto uma verdadeira turista.

Noto que, quando não somos de um lugar, temos uma percepção completamente diferente daqueles que vivem lá. E caminhar pelas calçadas de Copacabana ao entardecer de um dia ensolarado me fez registrar muitas imagens interessantes. Imagens mentais, mas permanentes. Desde a grande quantidade de idosos que passam por mim na calçada, os muitos turistas que visitam essa região (com seus sotaques diversificados), vestindo roupas chamativas, e até mesmo uma ou outra personalidade do mundo artístico. Tudo inspira.

Observo uma praça que me faz lembrar a minha infância. O cheiro de pipoca, as crianças correndo, os balanços, a vendedora de flores: um cenário muito familiar que me convida a permanecer ali por alguns minutos. Numa mesa próxima, observo a animação de quatro senhores jogando cartas, mais adiante uma menina linda com seu cão de estimação, brincando na grama. Compro uma espiga de milho verde e continuo meu passeio. Antes que eu saia da praça, ainda avisto três micos passeando pelo fio elétrico, o que causou muita curiosidade num grupo de turistas, que começaram a tirar fotos

dos bichinhos.

Dizem que em Copacabana tem de tudo. O comércio é sempre muito variado e a qualquer hora da noite é possível achar algum lugar aberto para se fazer compras. Supermercados, farmácias, lavadeiras, lanchonetes, restaurantes, lan houses, butikues, bancas de jornais... Todo um universo.

E na orla da praia a gente se depara com uma paisagem cinematográfica e inesquecível. Os quiosques, a areia extensa e aquele mar imenso. Um cenário majestoso que deixa qualquer visitante de queixo caído. Não é à toa que Copacabana é conhecida como Princesinha do Mar.

Certamente Copacabana tem muitas histórias. Os diversos pontos turísticos dentro do bairro são, sem dúvida, muitos para listar e conhecer. Deixo para uma próxima vez. Afinal, o passeio a pé me instigou de forma tão intensa que vai ser necessário retornar a ele, o que – sem dúvida – será um prazer.

Minibiografia:

Nasceu em Niterói, é jornalista, poeta e apaixonada por fotografia. Seu livro de poesias, intitulado Sopro, foi lançado em julho de 2017, pela Editora Autografia. A obra reúne 25 fotos e 24 poemas.

Em 1992, participou do 1º ENCONTRO DE POETAS DA CIDADE, na Faculdade de Educação da UFF - Universidade Federal Fluminense.

Desde agosto de 2016 organiza eventos literários em Niterói, através do projeto Literatura na Varanda. Os encontros são trimestrais e se dividem em rodas de conversas sobre a obra de autores consagrados, lançamento de livros e música ao vivo. As datas comemorativas como o DIA DO ESCRITOR e O DIA NACIONAL DO LIVRO também são co-

ALFARRÁBIOS XII

memoradas em eventos específicos.

Foi premiada na categoria Poesia, no II Festival de Contos e Poesias do CLARON (Centro Literário da Região Oceânica de Niterói), alcançando o 3º lugar com a obra SEDE DE ANIL, em outubro de 2016.

Teve o poema ATO DE DESESPERO incluído na antologia GRITOS CONTIDOS, promovida pelo Prêmio Coruja Escritora, em fevereiro de 2017.

Em setembro de 2017, participou da XVIII Bienal do Livro, o maior evento literário do país, nos dias: 03 (lançamento do livro Sopro) e 09 (debate na mesa: Poesia em toda Parte). Colaborou com a revista virtual da Academia Niteroiense de Letras (A.N.L.), na seção Pensarte, ano 11 – nº 4 - out./nov./dez. de 2017. Site: <http://www.academianiteroiense.org.br>

Em outubro de 2017, teve a obra FAMÍLIA-VIDA selecionada em 7º lugar no III Festival de Contos e Poesias do CLARON (Centro Literário da Região Oceânica de Niterói). Foi classificada em 2º lugar no IV Festival de Contos e Poesias do CLARON (Centro Literário da Região Oceânica de Niterói), com o poema CALÇADA, em setembro de 2018.

O poema O BÁU DE VIRGINIA obteve o 8º lugar no I Concurso Diário da Poesia, em 2018.

Participou dos fanzines Epitaphio e Alfarrábios (pela Editora Armazém de Quinquilharias e Utopias). Organizou a antologia poética POEzine, em novembro de 2018, pela mesma editora, com 52 poetas.



Tchello d'Barros

O escritor e artista visual Tchello d'Barros dedica-se desde 1.993 à Literatura e Artes Visuais. Sua produção textual em contos, crônicas e poemas está publicada em mais de 50 livros (coletâneas, antologias e didáticos). Suas obras visuais já participaram de cerca de 150 exposições, entre coletivas e individuais, no Brasil e Exterior. Além de coordenar a exposição itinerante e retrospectiva de Poesia Visual “Convergências”, tem realizado editorias independentes, curadorias diversas e oficinas literárias.

Foto-divulgação por Vanessa Angelo



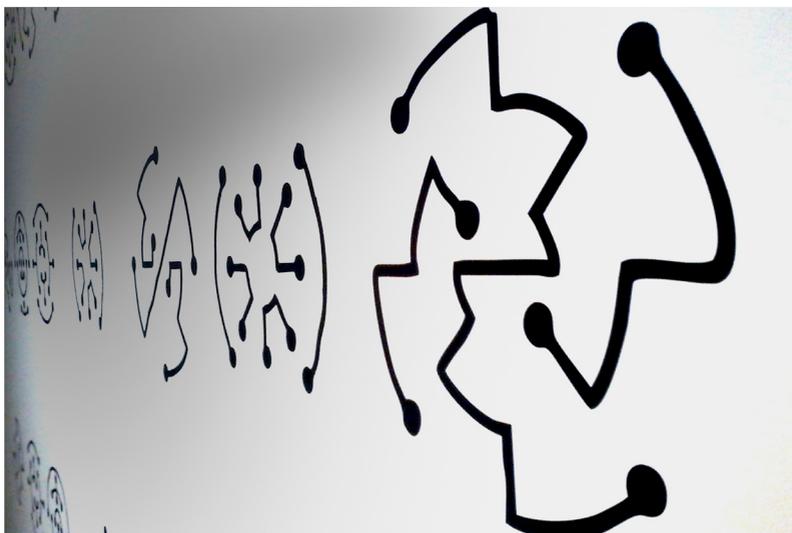
“Alfabeto Criptográfico III”

Tchello d’Barros vem desenvolvendo há alguns anos uma série de alfabetos criptográficos, que integram-se à sua produção literária em Poesia Visual e Escrita Expandida. São códigos de comunicação com imagens gráficas e elementos semióticos nos campos da criptografia, tipografia e representação simbólica.

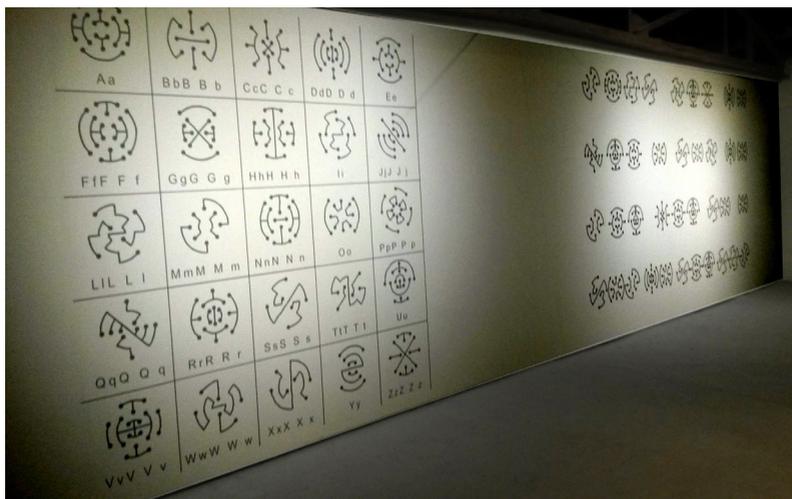
O primeiro a ser publicizado foi no formato de um painel em P&B adesivado (3 x 9m totalizando 27m²) onde o alfabeto latino ocidental tem suas letras acompanhada dos ícones do “Alfabeto Criptográfico III”, como um dos 30 projetos convidados p/ a exposição Ponto Transição (na Fundação Progresso, Rio de Janeiro) realizada pela Funarte durante as Olimpíadas do Rio.

Essa experiência é agora reproduzida aqui no Alfarrábios, onde se propõe a decifração de um enunciado (que ao final resulta em um micropoema pós-concreto, em Português do Brasil). A frase, uma vez decifrada pela simples comparação das letras e ícones, evoca elementos do primitivismo indígena, do neoconcretismo brasileiro e das criptografias digitais da atualidade. Os expectadores são desafiados ludicamente para um jogo semiótico que se propõe visual pelos ícones, fonético pelas sonoridades e semântico pelos sentidos da mensagem.





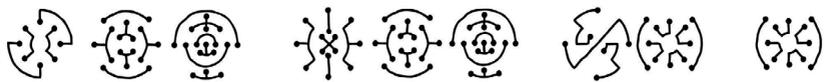
Poema Visual de Tchello d'Barros na expo da FUNARTE.



Poema Visual de Tchello d'Barros na expo da FUNARTE.

ALFARRABIOS XII

Alfabeto Criptográfico III



Micropoema a ser traduzido

Teofilo Tostes Daniel



É poeta e escritor nas horas cheias. Publicou “Trítonos – intervalos do delírio” (Patuá, 2015) e “Poemas para serem encenados” (Casa do Novo Autor, 2008). Tem contos e poemas publicados em antologias e publicações literárias. Ensaia com as palavras habitualmente em <http://teofilostes.wordpress.com/>.



É urgente espalhar amor

Para calar canhões e metralhadoras,
 conter a mão brutal
 no momento de desferir o golpe;
 para combater a cultura de pólvora e chumbo
 que assola os quatro cantos do mundo,
 opor-se a cada guerra

e a cada assassinato;
para impedir que o cinza dos asfaltos
continue a ser tingido
pelo sangue de culpados e inocentes

é urgente espalhar amor
com a sofreguidão de todas as sedes.

Porque são tempos miseráveis
aqueles em que o amor
é motivo de escândalo e perplexidade,
e o ódio,
aplaudido de pé,
se alastra como uma praga
na boca e nas mãos de tantos,
e na morte e no massacre
de quem ousa ser,
mesmo que involuntariamente,

o Outro.

As lições dos jardins de minha casa

Recebo, dos jardins de minha casa,
lições sobre os silêncios desse tempo
imperscrutável. Insondável. Íntimo.
Vasculho a intimidade dessa terra
com água, fazendo evoluar seus cheiros.
Ouço os marulhos úmidos do chão.
Ouço os sussurros líquidos da terra
a brincar com raízes, e moldando-as.
A agudeza de inumeráveis folhas
represa luminâncias lá do sol.
Com elas e dejetos desse solo
perfaz toda matéria de seus corpos.

Na escuridão de cova bem profunda
a raiz retrabalha seus clarões.
No dentro, a luz se torna seiva bruta.
O silêncio voraz dessa alquimia
verdeja o mundo inteiro. Cora as flores.
Forja até a doçura do que é fruto.
E nódoa a nódoa o tronco então se faz

mais lenhoso, se passa mais o tempo
e bem mais se acumulam primaveras.
Sonhados por sementes, os percursos
dos galhos, das raízes e das folhas
delineiam as vastidões dos bosques.

E é meu. E é infinito meu jardim
forjado pelos sonhos das sementes.
Cada espécime vive os próprios ciclos
além da vida una à própria espécie.
E todo ser brotante à minha volta
lecciona-me os ensinamentos de estações:
o cansaço, o hibernal recolhimento,
as brotações e a exuberância quente;
a seminal latência e a floração.
Vejo que mesmo as plantas sobrevivem
às violências, e também se tornam
outras, já bem diversas de si mesmas.

As lições dos jardins de minha casa
são onde tempo e espaço se conjugam,
onde espera e labor se moldam, mútuos,

na história e direção de cada galho.
Nesses jardins eu flagro o ser maduro
forjando seu caráter inda verde,
indicando seu êthos ao brotar,
ganhando e dividindo o próprio chão.
Nessa terra tão íntima e fecunda,
tão limitada e imensa, brota a flora
que flagro dar-se a mim, enquanto rego,
observo, adubo, moldo, amo e narro.

Para a garantia da ordem

É tempo de silenciar e viver
da falaciosa segurança que nos aprisiona
em nosso ódio,
em nossa impotência,
em nossa indiferença,

em nossos medos.

É tempo de mascar o ópio festivo
da ordem,

da normalidade,
do progresso,

da mediocridade do ouro.

É tempo de seguir a jurisprudência da desumanização
que permite a injustiça,
que garante o arbítrio da força,
que indefere a escrita

de um poema para nossos tempos.

É tempo de permitir, em nome da paz,
que atirem bombas em nossa rua,
que invadam nossa casa,
que sujeem nossas mãos com as armas do crime,
que violem nossos corpos

para que se celebre a violência inominada
de nossa omissão.

Evocação do instante presente

Azuis me absurdam.

Enchem os céus de minhas manhãs
de insuportável poesia.

Para desafogar o peso brando desse sentir,
faço-me infante.

Brinco de evocar o instante presente,
este que desentendo
e que, quando termino de pronunciar-lhe
o nome,

já é passado.



Wanda Monteiro

é uma amazônida, nascida às margens do rio Amazonas, no coração da Amazônia, em Alenquer no Estado do Pará, Brasil. Reside há mais de 30 anos no Estado do Rio de Janeiro. Com várias obras literárias ainda não publicadas, participa, como colaboradora, de vários movimentos culturais de incentivo à leitura, em várias regiões do Brasil. Wanda Monteiro publicou dezenas de seus textos poéticos nas Antologias Poesia do Brasil do Proyecto Sur Brazil, participando dos volumes IX, XI, XIII, XV. lançados no Congresso Brasileiro de Poesia no Rio Grande do Sul.

Recentemente, realizou produção editorial, em parceria com a Professora e Escritora Deolinda Nunes, da organização da coletânea SETE Feminino de Luas e Marés que reúne 30 escritoras de várias regiões do Brasil - uma obra que revela a voz feminina na produção literária no Brasil.

Obras publicadas: O Beijo da Chuva, Editora Amazônia, 2009, poesia; Anverso, Editora Amazônia, 2011, Poesia; Duas Mulheres Entardecendo, Editora Tempo, 2011, Romance escrito em parceria com a escritora Maria Helena Latini; Aquatempo – Sementes líricas, Editora Literacidade, 2016. Poemas



a cabeça é um cais
 aceso no olho do sol
 no olho da lua
 ancoradouro de voz
 – canto –

VOO

o horizonte não é fio

é contorno

tudo é margem à espera de chegadas

o mundo move-se dentro dele

tudo dorme e acorda num relógio sem horas

pássaros caem em queda livre para nadar

peixes roubam suas asas para voar

e uma pedra desabrocha na flor da água

é quando o poema rompe fina película de realidade

para voar sobre edifícios e pessoas

jogando sobre eles

plumas de sonhos



o tempo fala ao teu ouvido

palavra-precipício

rasga teu pensamento ao meio

ALFARRÁBIOS XII

abre fina fenda
funda – escura
tira-te o fôlego
faz tua boca escassa de voz
podes ouvir os passos das palavras em fuga
o ranger de seus ossos ferindo o deserto do teu peito

é tudo tão silêncio em teu chão
e tu não sabes que o poema morreu



sobre a carne viva da página
o talo do verbo
ergue totem de sentidos
jorra-lhe sem pudor
seiva e sumo
à espera de abrir-lhe
a
rosa
do
poema

ALFARRÁBIOS XII

regressar a corrente
do tempo
reter tudo que nele corre por palavras
ler as horas de sua líquida linguagem
escutar a ressonância de suas claridades
de seus escuros
pela escrita transver o curso desse rio

a palavra – o caminho – a linha
ao desalinho dos sentidos

escrever - silente exercício
de viver a solidão do pensamento



Pátria nossa
chão anoitecido de soçobros
onde há sombra e orfandade
o tempo acutelado de correr sendas sem luz
na sombra há sempre um interlúdio de paralisia

ALFARRÁBIOS XII

entre-haveres-de-escombros

decreta-se o desatino

nos desvãos da inercia

ante à redenção dos idos

sob à turba de ocasos

olhos miram labaredas consumindo o passado

coabrindo de cinzas a história

a sombra tece as horas adoecidas de limo

de lodo _ de lama _ na letargia de dias não amanhecidos

espera-se no ancoradouro do tempo partido ao meio

espera-se na clausura do silêncio

só o tempo dá descanso à morte dos dias

só ele confirma prenúncios

só ele derruba barragens para como o rio correr

espera-se até que o chão possa recolher o adubo das sombras

render-se à copula das manhãs

e o tempo lavar um novo sol

Winter Bastos

Autor do livro de crítica literária “Malandragem, Revolta e Anarquia: João Antônio, Antônio Fraga e Lima Barreto” (Ed. Achiamé, 2005). Recebeu menção honrosa no IX Conc. Municipal de Conto – Prêmio Pref. de Niterói (2011), tendo seu texto incluído em antologia publicada pela Ed. Niterói Livros; menção honrosa no 7º Prêmio UFF de Literatura (2013), resultando na publicação de seu conto em antologia publicada pela EdUFF; 1º lugar (em 2016), 2º lugar (em 2017) e 7º lugar (em 2018) no Festival de Contos do Centro Literário e Artístico da Região Oceânica de Niterói; 10º lugar no Concurso Bram Stoker de Contos de Terror (2018). Faz o fanzine O Berro (oberrofanzone@gmail.com – caixa postal 100.050, Niterói, RJ, CEP 24020-971). Mantém o blogue Expressão Liberta (www.expressaoliberta.blogspot.com.br). Tem coluna no tabloide cultural Diário da Poesia. Escreve na revista Contra Legem e no jornal político-cultural Transversus. Publica críticas literárias mensalmente na página eletrônica Homo Literatus (<https://homoliteratus.com/>).



O Que é Anarquismo

(por: Winter Bastos)

“Anarquia” é um substantivo feminino que deriva da palavra grega anarkhia (an – não, arkhé – autoridade). O radical grego arkhé

também dá origem a outras palavras na Língua Portuguesa, como hierarquia e monarquia.

Etimologicamente, vê-se que anarquia (assim como acracia) significa ausência de governo e representa o estado de um meio social em que inexistente autoridade. O termo “libertário” foi criado em 1858 por Joseph Dejacque (1821-1865) e retomado pelo anarquista francês Sebastien Faure (1858-1942) no fim do século 19. Hoje, libertário, ácrata ou acrata são sinônimos de anarquista. Acrata é uma variação do vocábulo original ácrata, por analogia com palavras como: democrata, fisiocrata, aristocrata etc. Cabe ressaltar, porém, que “libertário” cada vez mais tem sido entendido numa acepção mais ampla do que “anarquista”, passando a englobar antiautoritarismos em geral.

O movimento político que nasceu sob o nome de anarquista ou socialista libertário não é apenas de negação (da autoridade), mas também afirmativo de toda uma gama de valores e práticas sociais. Assim, vemos que anarquia não seria um agrupamento “desgovernado” de indivíduos.

No livro “A Anarquia”, publicado no Brasil pela Ed. Imaginário, o italiano Errico Malatesta (1853-1932) deixa claro o caráter construtivo do pensamento libertário. Logo de início trata da incompreensão sobre a palavra anarquia. Tal vocábulo comumente é entendido como sinônimo de caos. Seria o caso de se buscar outra palavra que não se desse a tantos equívocos? Segundo Malatesta não adiantaria escolher outro termo. As pessoas entendem que anarquia significa simplesmente “sem governo”, e é verdade – ele nos escreve. O problema seria a existência do preconceito de que o governo é um órgão necessário à vida social e que, conseqüentemente, uma sociedade sem governantes seria vítima da desordem resultante de cada pessoa fazer “o que der na telha”. Entretanto, para os anarquistas, a humanidade não é um amontoado de indivíduos. Ela, de uma forma ou de outra, vive da associação e de ações coletivas.

As pessoas sempre estão ligadas, por isso a raça humana sobrevive até hoje. Em isolamento não se consegue nada. Segundo o libertário russo Piotr Kropotkin (1842-1921), saber viver em conjunto é um atributo humano há milênios, em todas as partes do planeta. Em seu livro “O Estado e seu Papel Histórico” (Ed. Imaginário), ele escreve que não foi o Estado (cuja existência é relativamente recente e limitada geograficamente) que garantiu a sobrevivência das sociedades. Não seria o Estado que impede as pessoas de fazerem “o que der na telha”.

Pelo pensamento libertário, são os governos, as estruturas sociais autoritárias e o Capitalismo que atentam contra uma convivência humana saudável. O Anarquismo, por sua vez, buscaria fortalecer as relações solidárias entre todas/os: justamente aquilo que pode garantir a almejada harmonia social. Nesse sentido pode-se dizer que anarquia é ordem, como já afirmava o francês Pierre Joseph Proudhon (1809-1965).

Na obra “Que é a Propriedade?” (lançada por aqui pela Editora Martins Fontes), Proudhon escrevera que a anarquia seria a ausência de senhor, de soberano: uma forma de gestão social da qual a sociedade estaria se aproximando dia a dia. Nela a consciência pública e privada, formada pelo desenvolvimento das ciências sociais, concorreria para a manutenção da ordem e para a garantia das liberdades.

Pelo livro “Que é a Propriedade?”, vemos o quanto um anarquista – como Proudhon – pode ter rigor científico na análise da realidade social. Mas o Anarquismo, apesar de sistematizado por pensadoras/es com base também em aparatos da Economia, História, Sociologia etc. não se afirma como uma ciência, diferente do pensamento marxista, o qual se pretende um “socialismo científico”.

Anarquismo é, isto sim, uma ideologia. E aqui cabe dizer que não estamos usando o sentido marxista para a palavra ideologia, entendida como falsa consciência. Diferente do Marxismo, o

Anarquismo não se afirma como a “verdadeira” consciência, mas assume ser apenas mais uma estrutura ou sistema de conceitos sobre a sociedade, um conjunto de ideias, motivações, aspirações, valores. Trata-se dum ideário político de transformação social, que se expressa através de um modo antiautoritário de reflexão, de interpretação e de intervenção sobre a realidade. Constitui uma teoria revolucionária que luta contra todas as formas de exploração e opressão, historicamente opondo-se ao Estado, ao Capitalismo e às instituições religiosas. Tem a sua origem nas lutas da classe trabalhadora ao longo de quase dois séculos de busca por liberdade.

Enquanto as ideologias burguesas afirmam que a liberdade de cada um é limitada pela liberdade do outro, o Anarquismo não entende assim. Mikhail Bakunin (1814-1876) afirmava que a liberdade do próximo amplia a liberdade de cada um. Pois a pessoa só seria realmente livre, de fato e não somente na ideia, quando essa liberdade pessoal encontrasse sua confirmação no direito de todas as demais, em igualdade.

Não se poderia ser livre de forma isolada, usufruindo de bens particulares em meio à pobreza e à ignorância geral. Para o Socialismo Libertário, é impossível uma felicidade compartimentada, privatizada, enquanto há famintos vasculhado lixo pelas ruas. A miséria de um ser humano seria a miséria de todos. Não haveria segurança nem mesmo para os ricos enquanto existissem milionários e miseráveis. Da mesma forma, não haveria paz (sequer para os governantes) enquanto os governos existissem. Segundo o Anarquismo, o fim está nos meios como a árvore está na semente. Assim, a próprio grupo político anarquista também teria que se pautar pelo princípio da liberdade que pretende fazer germinar no mundo. E o federalismo é a forma de organização que contempla essa liberdade desde o próprio grupamento militante. É um método de organização política não hierarquizada. Pressupõe a descentralização do processo de decisão e possibilita a integração

dos núcleos autogestionados, em todos os níveis. Baseia-se na livre associação, havendo iguais direitos e deveres para todas as pessoas. As unidades federadas deveriam exercer seu direito de deliberar, através de delegações tiradas nas assembléias de base, orientando-se pelos princípios acordados, tendo o compromisso militante de acatar as deliberações do conselho de delegados, respeitando, assim, as decisões do órgão federativo. A rotatividade das funções e a revogabilidade das delegações são parte essencial do federalismo libertário e garantem que ele se exerça com base em democracia direta, diferente do federalismo estatal.

Além da liberdade e do federalismo, podemos considerar como ideias chave do Anarquismo: ação direta, apoio mútuo, autogestão e outras.

A autogestão é um método anticapitalista e antiestatista de gestão sócio-econômica aplicável em todos os níveis. Caracteriza-se como a gestão dos meios de produção e organização social em benefício da coletividade, exercida desde as entidades de base, com igualdade de direitos e participação de todos os responsáveis. Segundo o pensamento anarquista, a autogestão é um processo de construção do novo, ainda que convivendo com o arcaico sistema capitalista. Na atual sociedade opressora, a autogestão poderia se exercer (ainda que com limitações) pela criação de cooperativas, onde a produção se dê sem patrão, com decisões tomadas em assembleias com participação equânime de todas as pessoas trabalhadoras. Assim a autogestão demonstra sua viabilidade e potencializa lutas que apontam para a construção duma sociedade igualitária, desde já. E as fabricas autogestionadas deveriam, atualmente mesmo, se associar a movimentos sociais diversos em permanente apoio mútuo.

Apoio mútuo é entendido pelo pensamento libertário como o concurso de cada pessoa ao bem de todas (e de todas ao bem de cada uma). Seria o único estado no qual o ser humano pode atingir o maior desenvolvimento e bem-estar geral, devendo ser fomentado

e praticado – a partir do presente – dentro do grupo político e nos movimentos sociais. Para Kropotkin, inclusive, o apoio mútuo (e não a luta) é o fator de evolução das espécies. Deveríamos nos solidarizar, compreendendo que a luta construtiva a ser travada não é contra nossos semelhantes, mas aquela que consiste na ação direta contra a opressão.

Ação direta é a luta social empreendida sem intermediários, recusando a atuação parlamentar, pois esta implicaria no surgimento de centros de decisão separados dos interessados. Greves, boicotes, protestos de rua, ocupações de imóveis urbanos ou rurais ociosos seriam exemplos desse tipo de prática.

A teoria anarquista contempla a luta de classes (atrito permanente e dinâmico entre segmentos exploradores e explorados) mas, diferente do Marxismo, não a concebe como o motor da história. A trajetória humana não seria predeterminada por algum esquema que transcende a ação concreta do povo. A vontade de libertação é o que moveria os seres humanos e não a simples condição material da sociedade. As contradições do Capitalismo, por si só, não levariam a sua ruína. A revolução só pode ser, para os anarquistas, resultado do esforço consciente engendrado contra os opressores e ancorado em anseios de emancipação.

E os anseios anarquistas não se limitam a questões estritamente econômicas. É o que se nota pelas formulações teóricas e pelas práticas de militantes como a anarquista Emma Goldman (1869-1940), que deu conferências sobre sexualidade e métodos contraceptivos, sendo duramente reprimida pelo puritanismo reinante nos EUA. Seu combate em prol dos direitos da mulher e pela liberdade sexual são vigorosa demonstração de que o Anarquismo desde cedo esteve livre de concepções economicistas da realidade social. O mesmo pode ser dito sobre a anarquista pacifista brasileira Maria Lacerda de Moura (1887-1945) que conferiu enorme valor a temas como feminismo, educação libertária e amor livre.

ALFARRÁBIOS XII

Muitos dos temas, hoje entendidos como “novos”, já eram abordados por libertários do passado. E, nota-se, o ideário anarquista permanece aberto a novas ideias, disposto a enfrentar problemas que venham a surgir na sociedade. Justamente por sempre ter tentado afastar toda forma de dogmatismo, o Socialismo Libertário se mantém vivo e dinâmico. Mas, também por isso, não construiu em torno de si uma aura de sacralidade que faça com que a intelectualidade acadêmica costume endossá-lo. Alguém já viu o Anarquismo ser citado com a mesma veneração que pessoas usam ao se referirem, por exemplo, às formulações teóricas de Darwin, Freud, Einstein ou Marx?

Bem, talvez o Anarquismo até desdenhe desses louros mundanos, afirmando como já disse um lutador social de dois milênios atrás: “Meu reino não é deste mundo”.

